



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

FERNANDO MANUEL DA COSTA MACHADO

Uma comunidade modelo...

A comunidade cristã de Jerusalém em Act 2, 42-47

Dissertação Final

sob orientação de:

Doutor João Alberto Sousa Correia

Braga

2015

SIGLAS

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Act	Actos dos Apóstolos
AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
<i>ar. cit.</i>	Artigo citado
<i>op. cit.</i>	Obra citada
<i>Cfr.</i>	Conferir
<i>Ibid.</i>	Mesmo autor e mesma obra

INTRODUÇÃO

A sociedade do nosso tempo atravessa uma fase de procura de identidade. De facto, nas actuais circunstâncias, urge redescobrir aquilo que a caracteriza e integra. De igual modo, a Igreja, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, procura reestruturar-se para responder aos novos desafios, sobretudo pastorais. Na fidelidade à Sagrada Escritura e à Sagrada Tradição, a Igreja vivifica-se ao refontalizar-se no seu passado primordial. Deste modo, procura nos documentos mais antigos a sua verdade histórica e o seu fundamento teológico, que nos dá a conhecer a sua essência e os principais elementos doutrinários que a caracterizam.

O livro dos Actos dos Apóstolos apresenta uma práxis das comunidades cristãs primitivas, e as narrativas não estão lá coligidas por acaso. Sem perseguirem objectivos históricos, pretendem sobretudo documentar os elementos definidores da vida das comunidades cristãs, os mesmos que identificavam os fiéis com Jesus Cristo.

É assumindo esta perspectiva que partimos à descoberta da comunidade primitiva de Jerusalém. Descobrir como a comunidade vivia no seu dia-a-dia a experiência de fé em Jesus Cristo é o ponto de partida da presente investigação e o seu primeiro objectivo. Outro objectivo é constatar como a acção dos apóstolos se tornou credível, a ponto de aparecer uma corrente de solidariedade que atravessava todas as classes sociais de Jerusalém, manifestando uma comunhão de tal ordem que se tornara uma característica identitária da própria comunidade.

Também a pertinência dos conteúdos dos estudos bíblicos, nomeadamente aqueles que surgem neste enquadramento, foi determinante na escolha do tema deste trabalho, pois a sociedade actual, marcada por egocentrismo e um certo individualismo, surge progressivamente em contraposição com os ideais evangélicos.

Aferir quais os factores que possibilitaram o processo de evangelização nas comunidades primitivas, ainda que à distância temporal, cultural e social evidentes e sob o

prisma dos princípios do cristianismo, possibilita encontrar aspectos comuns entre o passado e a actualidade retirando da história coordenadas e sugestões para o mundo de hoje.

O intento é saber quais foram os meios usados pelos apóstolos para dar credibilidade à mensagem que anunciavam, bem como os factores que contribuíram para o desenvolvimento do processo de evangelização. Assim, tomando a comunidade primitiva de Jerusalém como referência, o estudo centra-se em Act 2, 42-47, o primeiro e mais conhecido sumário dos Actos dos Apóstolos.

O presente estudo está organizado em três partes, em ordem a apresentar a identidade cristã da comunidade primitiva de Jerusalém, adscrita a um tempo e a uma cultura específicos. O livro dos Actos dos Apóstolos ganhou forma e tornou-se experiência de vida comunitária e espiritual não só para a cultura local, mas para toda a humanidade, apesar das diferenças culturais, políticas e sociais que os vários tempos da história da humanidade sucessivamente apresentaram e continuam a apresentar.

No primeiro capítulo, apresentamos as circunstâncias sociais, políticas, culturais e religiosas que contextualizam a sociedade judaica, no período das primeiras décadas do cristianismo.

Nesse sentido, a nível social, estudaremos as três classes que compõem a sociedade judaica, os grupos que integravam cada uma, o tipo de relação existente entre as classes, o estilo de vida daqueles que as integravam e a proveniência dos respectivos rendimentos.

A nível político, torna-se necessário compreender a relação existente entre as autoridades do império romano e as autoridades locais do povo judeu, tal como a concepção que o povo tinha de cada entidade, uma vez que estavam alicerçadas em estruturas diferentes.

Ao longo dos séculos, Israel foi alvo da cobiça dos povos vizinhos, dado que se tratava de uma terra de passagem e encontro de diferentes povos e culturas. Assim sendo, torna-se imperioso saber quem foram e de que forma influenciaram a cultura judaica, a nível religioso, patrimonial, arquitetónico e linguístico.

No campo religioso, urge igualmente investigar como vivia o povo judeu a sua dimensão religiosa, partindo do princípio que o quotidiano da vida de um judeu está fortemente marcado pelo aspecto religioso e cultural. Para tal, o trabalho debruça-se sobre as instituições que contribuem para consolidar o judaísmo (Templo, Sinédrio e Sacerdócio, e como exercem a sua acção), assim como sobre os diferentes grupos ou correntes de espiritualidade existentes no judaísmo, e que tipo de relação mantinham entre si, com a *Torah* e a Tradição.

No segundo capítulo, é feita uma abordagem directa ao texto grego de Act 2, 42-47, a que se segue a respectiva tradução. Depois, é apresentada uma análise do texto, a estrutura dos Actos dos Apóstolos e a delimitação de Act 2, 42-47, na relação com as narrativas envolventes. A necessária comparação entre os sumários (Act 2, 42-47; 4, 32-35; 5, 12-16) ocorre em seguida para facilitar a análise das semelhanças e diferenças neles existentes. Dá-se, ainda, algum relevo às especificidades de 2, 42-47 no contexto dos Actos, a que acresce breves referências a aspectos gramaticais do sumário sobre o qual incide o presente estudo.

O terceiro capítulo consiste num estudo detalhado das principais temáticas presentes no sumário: o ensino dos apóstolos, a comunhão fraterna, a fração do pão e as orações.

Apesar de a abordagem das quatro características da comunidade primitiva ser realizada separadamente para facilitar o estudo, o certo é que todas se encontram em relação de interdependência, tornando-se por vezes difícil uma separação clara dos conteúdos.

Saliente-se que o presente estudo é levado a cabo sobretudo a partir do texto bíblico, pelo que são estabelecidas pontes entre Act 2, 42-47 e as narrativas que lhe dão sustentabilidade, e complementado com o pensamento de vários autores que se debruçaram sobre o estudo destas temáticas.

Na conclusão, depois da síntese da investigação, são apresentados alguns aspectos que podem desencadear, nos fiéis, uma espiritualidade mais próxima daquela que dominara a

comunidade primitiva de Jerusalém tendo em vista suscitar nas comunidades de hoje uma práxis semelhante.

I. OS CONTEXTOS DA COMUNIDADE PRIMITIVA

O conhecimento dos contextos é essencial nos processos da compreensão das épocas históricas e das instituições. É indispensável também para a compreensão e interpretação dos textos. Sabemos, contudo, que a noção de contexto é «complexa e pluridimensional, pois engloba todos os parâmetros de natureza extra-linguística que são relevantes, de forma mediata ou imediata, na produção e interpretação de um texto»¹. Por conseguinte, «atentar nos factores externos que se projectam no processo de produção e recepção de um texto implica uma abertura do texto à historicidade do homem e do mundo. Produto e instrumento de uma cultura social e historicamente condicionada, o texto não pode ser dissociado desse contexto amplo em que se inscreve»².

Para uma melhor compreensão de Act 2, 42-47, apresentamos os contextos social, político, cultural e religioso da comunidade cristã primitiva.

No contexto social, é apresentada a relação existente entre as classes, as actividades profissionais e o nível económico-social que caracterizava a comunidade. No âmbito político, a relação entre o poder imperial e o poder local, assim como a relação destes com o povo. A nível cultural, o tipo de influência e aceitação que os povos estrangeiros, sobretudo os gregos, tiveram na cultura local. No contexto religioso, o pluralismo existente no judaísmo, manifestado nos diferentes grupos religiosos, assim como o papel das principais instituições religiosas judaicas.

¹ CARLOS REIS - ANA CRISTINA M. LOPES, *Dicionário de Narratologia*, ed. Almedina, Coimbra 2002, 77-78.

² *Ibid.*, 78.

1. Contexto social

No tempo de Jesus Cristo e da comunidade primitiva, a sociedade judaica, em Jerusalém, estava hierarquizada e apresentava-se dividida em quatro estratos: a corte real, a classe rica, a classe média e os pobres³.

O rei, não obstante a índole absolutista, submetia-se ao poder romano, pois sabia que o seu reinado estava aprazado: só durava enquanto o imperador permitisse. Possuía palácios luxuosos, numerosos servos, onde se distinguiam os condiscípulos e os guardas, que levavam uma vida opulenta e frequentemente uma conduta pautada por comportamentos escandalosos. Embora não fossem maioritariamente do conhecimento público, estes comportamentos não gozavam da aceitação do povo piedoso, que não se revia na forma de viver palaciana, e eram uma das causas da sua indiferença em relação ao poder real. Na verdade, existia um alheamento do povo relativamente ao tipo de vida profana do topo da hierarquia social da cidade de Jerusalém⁴.

A classe rica era representada pelos grandes armazenistas de trigo, vinho e azeite. Deste estrato faziam também parte os grandes proprietários, que impunham preços e exerciam, desta forma, um controlo apertado sobre o mercado, asfixiando a possibilidade comercial dos pequenos produtores. Neste grupo, estavam ainda integrados o sumo-sacerdote e os chefes dos sacerdotes. Finalmente, «também havia ricos entre os altos agentes do fisco, que obtinham bons benefícios do sistema fiscal e tributário então vigente»⁵.

Por sua vez, a classe média era representada pelos pequenos comerciantes que vendiam os seus produtos nas lojas; pelos artesãos que tinham a sua própria tenda; pelos vendedores de

³ Cfr. GIUSEPPE SEGALLA, *Panoramas del Nuevo Testamento*, ed. Verbo Divino, Navarra 1989, 92-93.

⁴ Cfr. *Ibid.*, 92.

⁵ *Ibid.*

gêneros alimentares, pequenos agricultores, pescadores, publicanos, além dos sacerdotes e dos levitas⁶.

Na base da pirâmide hierárquica, estavam os pobres, o grupo numericamente mais expressivo. Nesta classe, estavam agrupados os jornaleiros que trabalhavam na agricultura, nos transportes e nos armazéns; os escribas, no período em que não recebiam pelo seu trabalho; os escravos que trabalhavam inteiramente ao serviço dos seus senhores; os mendigos, e eram muitos em Jerusalém, e os pobres ou forasteiros de passagem que beneficiavam de uma assistência social com origem no dízimo, pago ao templo pela população judaica. Como refere Giuseppe Segalla, na base da pirâmide hierárquica da sociedade estavam:

«os criados e os jornaleiros pobres que ganhavam o seu sustento nas grandes fazendas, os publicanos e as prostitutas que exerciam uma actividade reprovada de pecado permanente, os pequenos agricultores autónomos, pescadores e pastores em constante preocupação com a colheita, a pesca e os pastos; também os mendigos, sendo estes, os enfermos e os coxos que não podiam ganhar a sustento com o seu trabalho. A maioria deles viviam sobrecarregados com a preocupação do alimento e do vestuário. A visita de um amigo podia pô-los em apuros. Nos relatos do Novo Testamento aparecem enfermos e possessos que haviam sucumbido à pressão da luta pela vida com sequelas no corpo e na alma. O povo via, diariamente, nos tais enfermos e possessos o quanto perigosa e incerta era a sua vida de pobre»⁷.

Os evangelhos, por meio das parábolas e dos discursos de Jesus, apresentam inúmeras referências às dificuldades da população que, na sua maioria, vivia na pobreza.

Se esta situação já era precária só por si, a ela acrescia uma elevada carga de impostos que eram tributados ao povo. A construção das novas cidades da Decápole, ou seja, dos edifícios de representação pública, o estilo de vida oriental na corte, a cobiça desenfreada dos governadores romanos e dos altos funcionários reais estiveram na base de um aumento

⁶ Cfr. *Ibid.*, 93.

⁷ LUDGER SCHENKE, *La comunidade primitiva*, ed. Sígueme, Salamanca 1999, 50.

significativo de impostos de cerca de 30 a 40 por cento. A estes impostos somavam-se os que estavam directamente relacionados com o culto judaico: «o dízimo para garantir o sustento do pessoal do templo; o tributo anual do templo e a obrigação de gastar anualmente outro “dízimo” em Jerusalém durante a festa da Páscoa»⁸. Tudo isto tinha um impacto directo na situação social dos pequenos produtores que, perante tão altos encargos contributivos, se afundavam na sua própria miséria.

Como o produto do trabalho era, em muitos casos, insuficiente para fazer face às obrigações, essa penúria resultava no endividamento familiar que, invariavelmente, desembocava na perda do património imóvel, da posição social e, em último caso, na venda do agregado familiar como escravo. Esta situação atingia sobretudo os pequenos agricultores, cujo rendimento, extraído da terra, era mínimo e, portanto, insuficiente para poderem subsistir.

À época, a luta pela sobrevivência afigurava-se, em muitos casos, desesperada, vitimando muita gente que, não tendo sido capaz de superar as dificuldades, «viviam como mendigos e possessos fora da ordem da sociedade, obrigados a viver da generosidade dos outros»⁹.

2. Contexto político

No tempo de Jesus, toda a bacia do Mediterrâneo estava sob o domínio do império romano, onde se incluía também a província da Judeia. Logo, o povo judeu estava submetido à administração directa forçada dos governadores romanos, causa constante de conflitos entre as instâncias políticas representativas de ambas as partes. Perante a irreverência do povo

⁸ LUDGER SCHENKE, *op. cit.*, 52.

⁹ *Ibid.*, 53.

judeu, aos governadores incumbia manter a ordem, ainda que pelo recurso à força, sempre no intuito de agradar ao imperador.

A sociedade judaica estava organizada segundo critérios diferentes dos existentes no império romano, assentando sobre uma forte estrutura religiosa, à qual cada judeu se submetia como garante da sua identidade colectiva. Contudo, os sumo-sacerdotes e o sinédrio apoderaram-se de alguns direitos de autogestão, que foram adquiridos, embora se tivessem tornado subservientes do poder real e do imperial, provavelmente para defender os interesses da sua classe.

Na Galileia e respectivas zonas setentrionais passava-se algo diferente, eram governadas pelos filhos do rei Herodes, Antipas e Filipe. Apesar de agirem como príncipes orientais absolutistas, eram apenas figuras emblemáticas, uma vez que não eram considerados pelo poder imperial, nem pelos próprios povos autóctones. Na verdade, foram impostos pelas potências estrangeiras que exerciam influência no território Israelita. O povo judeu via estes regimes políticos, o imperial e o monárquico, como opressores e exploradores.

Neste clima de opressão, era exigido o pagamento de impostos elevados que deixava os judeus espoliados dos bens necessários à sua subsistência. Esta situação estava ainda agravada pela constante mudança na política local e nas estruturas administrativas, o que causava uma situação política e social instável¹⁰. Não obstante, o povo judeu tinha consciência que aquele a quem devia subserviência era o seu próprio Deus, a quem pertencia o título de Rei. Deus era reconhecido como senhor soberano de um povo, que tinha sido espoliado do seu poder soberano pela força do poder alheio, em virtude de ter sido por Ele libertado.

¹⁰ Cfr. *Ibid.*, 50-51.

3. Contexto cultural

O território de Israel foi, desde a antiguidade, uma terra cobiçada pelos povos vizinhos. Assim se percebe que aquela região tenha recebido influência das diversas culturas circundantes. Nos últimos quatro séculos que antecederam a era cristã, Israel esteve sob o domínio grego, egípcio, selêucida, asmoneu e romano. Durante este período, o povo judeu foi confrontado com outras culturas impostas pelo povo dominante. Neste sentido, é de salientar que a cultura que mais marcas deixou no território israelita foi a grega ou helénica, uma vez que terá sido ela a responsável pela construção das cidades que formavam a Decápole, entre outras, para acolher os colonos, sírios e gregos sobretudo, que vieram a ser mais numerosos que os autóctones, os judeus. Mas também foram, nesta época, construídos palácios e vilas com características helénicas, além de templos pagãos, teatros e anfiteatros que deixaram a sua marca na arquitetura das cidades¹¹.

Na verdade, estes povos colonos traziam as suas tradições culturais e religiosas que introduziram nas comunidades judaicas, tendo acabado por influenciar a sua cultura. A este respeito, é de notar que a população judaica não recebeu pacificamente nem os estrangeiros, nem a sua cultura e religião, encarando-os como novos conquistadores que punham em causa a sua autonomia. Com este sentimento, o povo judeu evitava o contacto convivencial com os habitantes estrangeiros, uma vez que estes eram considerados pagãos. Apesar de partilharem o mesmo espaço físico, a cidade, não frequentavam os mesmos espaços comerciais, religiosos e culturais¹². Note-se que as trocas comerciais decorriam nas cidades, pois era nos mercados citadinos que se vendia os produtos agrícolas, assim como todos os outros que satisfaziam as necessidades dos seus habitantes.

¹¹ Cfr. *Ibid.*, 51.

¹² Cfr. *Ibid.*

Das cidades faziam parte as classes altas da sociedade, os funcionários da administração estatal, os comerciantes, os artesãos, os proprietários latifundiários, que aí tinham edificado as suas casas¹³.

4. Contexto religioso

Neste aspecto, como noutros, a comunidade era plural. Assim, nela reinavam várias concepções religiosas, quer durante o tempo de Jesus, quer durante o tempo da comunidade primitiva de Jerusalém. Mesmo não existindo uma ortodoxia judaica, nem sequer uma heterodoxia, o judaísmo não correspondia a uma sociedade aberta¹⁴. Os diversos grupos de índole religiosa viviam encerrados em si. Cada grupo acreditava ser o portador e defensor da verdadeira revelação de Deus e cumpridor zeloso da lei judaica. A comunidade primitiva não vivia alheada das correntes e concepções do judaísmo¹⁵ do seu tempo; inclusivamente os discípulos de Jesus viviam imersos nessas correntes, que merecem a abordagem simples que se segue.

Na comunidade judaica, existiam três instituições religiosas de singular importância: o Templo, o Sinédrio e o Sacerdócio. O Templo – ao tempo de Jesus designado Segundo Templo – era, desde Salomão, santuário oficial do reino, por ser nele que se desenrolavam as funções culturais, sendo ainda «depositário de um notável tesouro»¹⁶.

Formado por diversos compartimentos e átrios, entre eles o “Santo dos Santos”, onde o sumo-sacerdote entrava apenas uma vez por ano, no dia do *Yom Kippur* (Expição) para

¹³ Cfr. *Ibid.*

¹⁴ Cfr. *Ibid.*, 48.

¹⁵ Cfr. *Ibid.*, 49.

¹⁶ JOÃO DUARTE LOURENÇO, *O Mundo Judaico em que Jesus Viveu*. Cultura judaica do Novo Testamento, ed. Universidade Católica, Lisboa 2005, 45.

oferecer o incenso; o átrio dos sacerdotes, o das mulheres e o recinto dos gentios, para além do qual estes não podiam entrar¹⁷.

Com efeito, «como Templo oficial, aí decorriam as grandes festas, os sacrifícios, as ofertas, as peregrinações dos crentes judaicos que deviam subir a Jerusalém uma vez ao ano, por ocasião de uma das três festas de peregrinação (*Hag harregalîm*): Páscoa (*Pesah*), Pentecostes (*Shabbuôt* ou festa das Semanas) e Tendas (*Sukkôt* ou Tabernáculos)»¹⁸.

O Sinédrio, assim designado desde a época dos asmoneus, era a Assembleia dos Anciãos, constituída pelas grandes famílias sacerdotais, fariseus e mestres da lei. No «tempo de Jesus, [...] era composto por 71 membros (fariseus e saduceus) cabendo a sua presidência ao sumo-sacerdote que era, em geral, do grupo dos saduceus»¹⁹. Era da competência do Sinédrio «determinar e interpretar as leis judaicas e julgar as questões de direito decorrente das tradições»²⁰, assim como «intervir na fixação do calendário das festas e dar orientações para as comunidades da diáspora»²¹.

O Sacerdócio estava distribuído por 24 classes. Os sacerdotes tinham a missão de «oficiar no culto em Jerusalém, cabendo a cada classe 2 semanas por ano. A eles competia orientar toda a organização do templo e do culto»²², assim como os sacrifícios, as festas e as oferendas.

Em Jerusalém, os essénios conheciam a mensagem pós-pascal dos discípulos de Jesus. Viviam em comunidades de estilo monástico, sem bens pessoais, e praticavam um culto espiritual. A sua «preocupação pela pureza cultural levava-os a viver o celibato, coisa singular no ambiente judaico»²³. Consideravam o seu sacerdócio santo e encaravam a vida comunitária como um culto divino. Ocupavam-se da interpretação da *Torah* e guardavam a pureza do

¹⁷ Cfr. *Ibid.*, 46.

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*, 47.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*

²² *Ibid.*, 49.

²³ GIUSEPPE SEGALLA, *op. cit.*, 76.

culto e a observância do sábado. Eram considerados muito religiosos, mas na prática pouco ou nada se conhecia da sua comunidade e da sua fé, uma vez que guardavam absoluto sigilo sobre os assuntos da comunidade, a ponto de evitarem discussões com o povo simples e ocultarem os ensinamentos da lei aos desconhecidos. Não desenvolviam actividade missionária, pois acreditavam que Deus já havia escolhido aqueles que queria salvar. A salvação estava predestinada e os predestinados faziam parte da comunidade essénia, uma vez que só aqueles que a integravam seriam salvos.

Os fariseus são apresentados pelos evangelhos sinópticos como opositores e adversários de Jesus (Mt 21, 45-46; Mc 3, 6; Lc 6, 7.11; 11, 53) e possivelmente da comunidade pós-pascal. Sabe-se que alguns fariseus foram tolerantes com os cristãos, como é o caso de Gamaliel (Act 5, 34), ou de outros que deram hospedagem a Jesus nas suas casas (Lc 14, 1). Não estão directamente relacionados com a morte de Jesus, uma vez que não participaram na sua execução. Por várias vezes, preveniram Jesus acerca das intenções de Herodes e dos sumo-sacerdotes (Lc 13, 31).

Na classe média, os fariseus eram regra geral artesãos, comerciantes e proprietários agrícolas, o que lhes facilitava o acesso aos textos sagrados. Divergiam dos essénios na interpretação da *Torah*, o que suscitou duras críticas e objeções por parte daqueles, que os consideravam anunciadores da mentira e procuravam tranquilizar a consciência²⁴. Faziam uma interpretação da *Torah* que evidenciava os preceitos apodícticos, praticavam a penitência, esperavam a revelação final do reino de Deus, isto é, um messias descendente de David que restaurasse o reino de Israel.

Não restringiam a sua acção ao sagrado, mas alargavam-na a todos e à vida quotidiana²⁵. Exigiam a pureza ao sumo-sacerdote, assim como a todos os fariseus, dentro e

²⁴ LUDGER SCHENKE, *op. cit.*, 63.

²⁵ GIUSEPPE SEGALLA, *op. cit.*, 82.

fora do templo. Afastavam-se das pessoas que não conheciam ou não cumpriam a lei (por negligência), especialmente dos publicanos e pecadores, para não se contaminarem²⁶.

A *Torah*, que tinha sido dada por Deus a Moisés, era considerada uma constituição e, por isso, tinha de ser observada à letra. O trabalho de interpretação consistia conseqüentemente em adaptar a *Torah* às diversas situações culturais em que o povo vivia, tendo em conta a proximidade textual. Na verdade, conservavam a lei oral com a mesma autoridade e dignidade da lei escrita. A tradição oral compreendia as interpretações orais da lei e os costumes que se desenvolveram ao longo dos séculos, por meio do ensino dos sábios²⁷. Observavam o sábado, a lei da pureza dos alimentos e da relação com as pessoas e as coisas, e pagavam o dízimo de todas as coisas. Se dúvidas houvesse, deveriam pagar novamente.

A terra era pertença de Deus. Como os sacerdotes e os levitas não tinham recebido porção de terra, pertenciam-lhes o dízimo como reconhecimento da soberania de Deus²⁸.

Os zelotas²⁹ eram seguidores convictos da doutrina vetero-testamentária, segundo a qual Israel não tinha outro rei senão Yahvé. Para esse efeito, consideravam que Israel devia tomar uma atitude pró-activa e impor o reino de Deus no mundo. A luta que Israel teria de travar contra o poderoso império romano resultaria numa vitória. Esta consistia em constituir o Reino de Israel como súbdito da realeza divina. Os soldados envolvidos na guerra não haviam de temer a morte, pois os mártires de guerra ressuscitariam. A escatologia zelota compreendia Israel enquanto nação subordinada a um messias da linhagem de David, com a proposta de expandir o domínio Israelita a toda a terra, subordinando todos os povos, ainda que para tal tivesse de seguir por vias sangrentas ou militares.

Para além dos judeus nativos, a cidade de Jerusalém albergava outros que tinham vivido na diáspora e haviam sido influenciados pela cultura helénica. Os primeiros continuavam a

²⁶ Cfr. *Ibid.*, 83.

²⁷ Cfr. *Ibid.*

²⁸ Cfr. *Ibid.*

²⁹ Cfr. LUDGER SCHENKE, *op. cit.*, 74-75.

falar aramaico e a celebrar em hebraico; os segundos falavam e celebravam em grego *koinê*, em sinagogas próprias e separados da comunidade local. Uma vez que se tinham dispersado pela diáspora, introduziram na sua cultura de raiz judaica outras categorias filosóficas com as quais impregnaram quer o judaísmo, quer posteriormente o cristianismo.

No período emergente do cristianismo, pode dizer-se que esta situação não foi propriamente pacífica, pois coexistiam em Jerusalém duas correntes cristãs: uma de tradição judaica e local, e outra de influência helénica mais abrangente a toda a comunidade cristã dispersa pela diáspora.

Os saduceus³⁰ eram da linhagem do sacerdote Sadoc, que Salomão chamou para guardar a arca da aliança quando subiu ao trono. Integravam a corrente filosófica dos epicuristas e desapareceram depois do ano 70 da era cristã, com a destruição do templo de Jerusalém. Tiveram grande importância na reconstrução da comunidade, após o exílio da Babilónia, e seguiam atentamente as prescrições do culto do templo de Jerusalém. De entre eles, eram escolhidos pelos romanos os sumo-sacerdotes do templo.

A sua condição de proprietários de terras muito ricos fazia com que recebessem dízimos das rendas dos campos, sendo conseqüentemente mal vistos pelo povo. Os seus interesses sociais e políticos eram superiores às suas convicções religiosas. Não gostavam de mudanças políticas, porque receavam perder as suas posições privilegiadas. Recusavam qualquer lei que não tivesse fundamento na *Torah*, pelo que consideravam inválida a tradição oral, negavam a ressurreição dos mortos, eram rígidos na aplicação da lei e na observância do sábado. Compreendiam a religião como uma prática associada ao culto no templo. Não se interessavam pelas necessidades do povo, nem pelos judeus da diáspora, que não podiam dispor do templo.

³⁰ Cfr. GIUSEPPE SEGALLA, *op. cit.*, 73-76.

Os samaritanos³¹ formavam um grupo independente e discretamente difuso. Afirmavam ser legítimos continuadores do judaísmo. Fundamentavam a sua fé no Pentateuco, a partir do qual seguiam de perto as normas legais e celebravam os actos de culto conforme as prescrições aí descritas.

Depois de recuarmos ao tempo da comunidade cristã primitiva, e feita uma apresentação sumária dos contextos social, político, cultural e religioso, podemos concluir que: 1) a comunidade judaica encontrava-se numa situação extremamente difícil, já que a maioria da população vivia na extrema pobreza, continuamente explorada pelos grandes proprietários que detinham as terras e controlavam todo o comércio, além de estar sobrecarregada por altos impostos; 2) o poder político local não mostrava qualquer interesse em defender os judeus, antes se preocupava por manter a sua subserviência ao poder imperial, para garantir o prolongamento da sua aparente autoridade no tempo; 3) a nível cultural, o judaísmo corria o risco de ser suplantado pela cultura grega, muito por causa do alojamento dos colonos gregos no território israelita, sobretudo na Decápole; 4) no âmbito religioso, constatamos que o judaísmo tornara-se uma religião de alguns, propícia para o aparecimento de grupos elitistas que não tinham em conta as necessidades dos mais desfavorecidos e que constituíam a maioria da população, para a qual a religião e o culto se poderão ter tornado um fardo.

³¹ Cfr. *Ibid.*, 88-90.

II. ACT 2, 42-47, UM TEXTO SITUADO

O texto original dos Actos dos Apóstolos foi escrito em grego *koinê*. Por razões de espaço, tempo e cultura não é de todo um texto de fácil acesso, no que concerne aos seus conteúdos. Deste modo, para se compreender Act 2, 42-47, é antes de mais necessário conhecer as narrativas que o enquadram, os aspectos comuns do conjunto do texto.

Este capítulo contempla a apresentação do texto na língua original, a respetiva tradução e também a sua delimitação no conjunto dos Actos dos Apóstolos. Além disso, inclui ainda uma análise comparativa dos conteúdos – que, pela natureza dos textos, se evidenciam de forma particular nos três sumários –, bem como um elenco de aspectos gramaticais de maior relevo, em Act 2, 42-47.

1. O texto Act 2, 42-47³²

(42) ἦσαν δὲ προσκατεροῦντες τῇ διδαχῇ τῶν ἀποστόλων
καὶ τῇ κοινωνίᾳ, τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου καὶ ταῖς προσευχαῖς.

(43) Ἐγένετο δὲ πάση ψυχῇ φόβος, πολλά τε τέρατα
καὶ σημεῖα διατῶν ἀποστόλων ἐγένετο.

(44) πάντες δὲ οἱ πιστεύοντες ἦσαν ἐπὶ τὸ αὐτὸ καὶ εἶχον ἅπαντα κοινά

(45) καὶ τὰ κτήματα καὶ τὰς ὑπάρξεις ἐπίπρασκον
καὶ διμερίζοναὐτὰ πᾶσινκαθότι ἂν τις χρεῖαν εἶχεν·

(46) καθ' ἡμέραν τε προσκατεροῦντες ὁμοθυμαδὸν ἐν τῷ ἱερῷ,
κλῶντές τε κατ' οἶκον ἄρτον, μετελάμβανον τροφῆς ἐνάγαλλιάσει
καὶ ἀφελότητι καρδίας,

(47) αἰνοῦντεςτὸν θεὸν καὶ ἔχοντες χάριν πρὸς ὅλον τὸν λαόν.
ὁ δὲ κύριος προσετίθει τοὺς σωζομένους καθ' ἡμέραν ἐπὶτὸ αὐτό.

³² PAULO SÉRGIO GOMES – ODARYR OLIVETTI, *Novo Testamento interlinear analítico Grego-Português – Texto majoritário com aparato crítico*, ed. Cultura Cristã, São Paulo 2008.

2. Tradução³³

(42) Eram assíduos³⁴ ao ensino dos apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações.

(43) Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos.

(44) Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum.

(45) Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um.

(46) Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração.

(47) Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.

3. Um texto em relação

Act 2, 42-47 não é um texto isolado. Está em plena articulação com as narrativas em que se insere, conferindo harmonia ao texto e interesse ao leitor.

³³ Cfr. *Bíblia Sagrada*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 2012.

³⁴ A forma verbal προσκατεροῦντες embora literalmente possa ser traduzida por “perseverantes”, foi traduzida por “assíduos”, uma vez que a maioria dos autores usa esta tradução.

3.1. Um texto delimitado

O texto pode ser contextualizado em duas perspectivas: no contexto remoto, que dá uma panorâmica geral dos Actos dos Apóstolos; e no contexto próximo, que assenta na relação articulada com os textos que constituem as narrativas da comunidade de Jerusalém.

3.1.1. Contexto remoto

Os Actos dos Apóstolos correspondem à segunda parte da obra de Lucas e narram os acontecimentos que, tendo ocorrido após a Ascensão de Jesus, marcaram a vida da Igreja. Introduzidos por um prólogo «ligado à repetição dos relatos da última aparição e ascensão de Jesus, narrados no evangelho»³⁵, ao qual se segue uma descrição da comunidade de Jerusalém, objeto do presente estudo, o livro dos Actos estrutura-se em duas grandes partes, constantes na tabela abaixo. A primeira centra-se no Apóstolo Pedro (Act 1, 12 – 12, 25), que preside ao grupo dos Doze e desenvolve a sua actividade evangelizadora, sobretudo desde Jerusalém até Antioquia da Síria; a segunda está estruturada ao redor de Paulo (Act 13, 1 – 28, 31), reportando as suas viagens apostólicas, assim como os acontecimentos circunstanciais que durante as mesmas ocorreram.

Assim, os Actos dos Apóstolos apresentam a seguinte estrutura:

Introdução	- Prólogo: 1, 1-3; - Ascensão: 1, 4-11.
1. ^a parte: 1, 12 – 12, 24	- A Igreja de Jerusalém: 1, 12 – 8, 3; - Expansão da Igreja de Jerusalém até à Samaria e Antioquia: 8, 4 – 12, 25.

³⁵ RAFAEL AGUIRRE MONASTERIO – ANTONIO RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstolos*, ed. Verbo Divino, Navarra 2012, 373.

2. ^a parte: 13, 1 – 28, 31	<ul style="list-style-type: none"> - Primeira viagem missionária de Paulo: 13, 1 – 14, 28; - Regresso de Paulo a Jerusalém e reunião com os Apóstolos (Concílio de Jerusalém): 15, 1-33; - Segunda viagem de Paulo: 15, 35 – 18, 22; - Terceira viagem de Paulo: 18, 23 – 21, 26; - Paulo, prisão e fuga: 21, 27 – 28, 31.
---------------------------------------	---

3.1.2. Contexto próximo

Act 2, 1-41	<ul style="list-style-type: none"> - Pentecostes: 2, 1-13; - Discurso de Pedro à multidão: 2, 14-36; - Primeiras conversões: 2, 37-41.
Act 2, 42-47	- Uma comunidade modelo (sumário).
Act 3, 1-26	<ul style="list-style-type: none"> - Cura de um aleijado: 3, 1-11; - Discurso de Pedro ao povo: 3, 12-26.

Act 2, 42-46, situando-se no conjunto de textos que apresentam a Igreja de Jerusalém, os seus hábitos e costumes, e a forma como faz a experiência do evangelho, evidencia diferenças significativas, quer relativamente ao texto que o precede, quer àquele que segue. Contudo, não está descontextualizado. A forma verbal de Act 2, 42 (“eram assíduos”) reporta-se ao sujeito da oração em Act 2, 41 (“os que aceitaram a sua palavra”). Estes integram o grupo das primeiras conversões narradas em Act 2, 37-41. As referidas conversões só acontecem após o discurso de Pedro à multidão (Act 2, 14-36), que é apresentado como o primeiro ensinamento do apóstolo depois do Pentecostes (Act 2, 1-13).

Ao referir os prodígios e milagres que os apóstolos realizavam, Act 2, 43 prepara o leitor para a narrativa seguinte (Act 3, 1-11) que apresenta a cura do coxo de nascença. Diante deste prodígio, Pedro esclarece o povo sobre o que acabam de testemunhar, naquele que é conhecido como o seu segundo discurso (Act 3, 12-26). Desta forma, Pedro ensina o povo que o que acabam de ver é fruto da acção do Espírito Santo, não propriamente da acção dos apóstolos.

Finalmente, pela sua natureza, Act 2, 42-47 constitui um dos sumários dos Actos dos Apóstolos, os quais, para além de fazerem uma síntese das narrativas anteriores, elucidam o leitor, suscitando-lhe a curiosidade sobre os textos seguintes. Deste modo, Act 2, 42-47 não deve ser lido fora do seu contexto, pois a chave de leitura que lhe dá significado encontra-se quer antes, quer depois destes versículos³⁶.

3.2. Um texto entre outros

Act 2, 42-47 insere-se numa unidade mais ampla (Act 1, 12 – 6, 7) que narra os episódios mais marcantes da vida eclesial da comunidade de Jerusalém, apresentando-a como modelo para as outras comunidades cristãs.

Em seguida, apresenta-se uma tabela que esquematiza as temáticas presentes nos três sumários. Deste modo, com mais facilidade pode realizar-se uma leitura comparativa dos textos e relevar as especificidades do sumário em estudo.

	Act 2, 42-47	Act 4, 32-35	Act 5, 12-16
1- Ensino e testemunho dos apóstolos	(42) Eram assíduos ao ensino dos apóstolos,	(33) Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus.	

³⁶ Cfr. DANIEL MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, ed. Labor et Fides, Genève 2007, 100.

<p>2- Comunhão fraterna</p>	<p>(42) ...à união fraterna, (44) Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. (45) Vendiam as terras e outros bens e distribuía-m o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um.</p>	<p>(32) A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum. (34) Entre eles não havia ninguém necessitado, pois todos os que possuíam terras e casas vendiam-nas e traziam o produto da venda... (35) ...depositavam-no aos pés dos Apóstolos. Distribuía-se, então, a cada um conforme a necessidade que tivesse.</p>	
<p>3- Fração do pão</p>	<p>(42) ...à fracção do pão... (46) ...partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração.</p>		
<p>4- Oração no templo</p>	<p>(42) ...e às orações. (46) ...frequentavam diariamente o templo,</p>		<p>(12) Reuniam-se todos no Pórtico de Salomão. (13) ...dos restantes, ninguém se atrevia a juntar-se a eles.</p>
<p>5- Favor junto do povo</p>	<p>(43) ...o temor dominava todos os espíritos. (47) ...tinham a simpatia de todo o povo.</p>	<p>(33) ...uma grande graça operava em todos eles.</p>	<p>(13) ...mas o povo não cessava de os enaltecer.</p>

6- Milagres e prodígios	(43) ...inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos apóstolos,		(12) ...pela intervenção dos apóstolos, faziam-se muitos milagres e prodígios no meio do povo. (15) ...traziam os doentes para as ruas e colocavam-nos em enxergas e catres, a fim de que, à passagem de Pedro ao menos a sua sombra cobrisse alguns deles. (16) A multidão vinha também das cidades próximas de Jerusalém, transportando enfermos e atormentados por espíritos malignos, e todos eram curados.
7- Aumento numérico dos fiéis	(47) E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.		(14) Sempre em maior número, juntavam-se, em massa, homens e mulheres, acreditando no Senhor...

Assim, a tabela anterior evidencia as temáticas desenvolvidas ao longo de Act 1, 12 – 6, 7, tal como o fazem os textos sumários, ao sintetizarem os modos de vida da comunidade de Jerusalém no que diz respeito à vivência do evangelho. Sem prejuízo do carácter histórico, Joseph A. Fitzmyer sublinha que estes textos são «uma descrição idílica da vida da comunidade primitiva de Jerusalém, da sua espontaneidade, harmonia e unidade, da sua dedicação à oração e ao culto do templo»³⁷. Com efeito, apresentam diferentes perspectivas da comunidade primitiva: «os dois primeiros apresentam um quadro da vida da

³⁷ JOSEPH A. FITZMYER, *Los Hechos de los Apóstoles I. Traducción, introducción y comentario (1, 1-8, 40)*, ed. Sígueme, Salamanca 2003, 363.

comunidade, e o terceiro a actividade taumatúrgica dos apóstolos»³⁸. Ao analisá-los com rigor, pode concluir-se com relativa facilidade que são uma «composição composta»³⁹.

A este respeito, Alfred Wikenhauser aduz que «ao texto primitivo [de tradição pré-lucana] foram intercalados posteriormente um ou mais versículos»⁴⁰, a saber 2, 43-45; 4, 33; 5, 12b-14. O mesmo autor refere que «destes versículos, 2, 43 procede claramente de 5, 11-12a; 2, 44-45 tem a aparência de ser um resumo de 4, 32.34-35; 4, 33b é uma repetição de 2, 47a; 4, 12b-14 resume 2, 46 (e 3, 11); 2, 47a (4, 33b); 2, 47b»⁴¹. A. Wikenhauser refere ainda que cada um dos sumários é complementado por elementos adicionados, com origem nos outros dois⁴².

Deste modo, a Act 2, 42-47, que descreve a vida de piedade da comunidade de Jerusalém, foi adicionado conteúdo dos outros dois textos, nomeadamente a actividade taumatúrgica dos apóstolos e a comunhão de bens. Por sua vez, Act 4, 32-35 recebeu do primeiro uma alusão à estima que os apóstolos tinham entre o povo; e Act 5, 12-16 importou dos outros dois uma referência à piedade, à estima que tinham entre o povo e ao crescimento da comunidade⁴³.

Ao analisar a tabela, observa-se que a Act 4, 32-35 estão subjacentes três temáticas: o ensino dos apóstolos, a comunhão fraterna e o acolhimento que tinham junto do povo. Por sua vez, Act 5, 12-16 apresenta como temáticas a oração no templo, a aceitação por parte do povo, os sinais e prodígios e o aumento numérico de fiéis na comunidade.

Note-se ainda que, no contexto dos Actos, os sumários têm uma função específica: provocam a aceleração da narração, que consiste em sintetizar em poucas palavras o estilo de

³⁸ ALFRED WIKENHAUSER, *Los Hechos de los Apóstoles*, ed. Herder, Barcelona 1973, 108.

³⁹ JOSEPH A. FITZMYER, *op. cit.*, 363.

⁴⁰ ALFRED WIKENHAUSER, *op. cit.*, 108.

⁴¹ *Ibid.*

⁴² Cfr. *Ibid.*

⁴³ Cfr. *Ibid.*, 108-109.

vida da comunidade primitiva de Jerusalém, evidenciado nas narrativas dos episódios que tiveram lugar entre o Pentecostes e a redacção dos Actos dos Apóstolos⁴⁴.

Os sumários (Act 2, 42-47; 4, 32-35 e 5, 12-17) «desempenham um papel duplo. Por um lado, oferecem uma vista geral e extraem significações de conjunto, para além da narração de acontecimentos particulares. Por outro lado, servem para operar a transição e ligar entre si conjuntos narrativos autónomos, eventualmente fontes separadas»⁴⁵. Assim sendo, espelham a teologia do narrador e mostram, sob a perspectiva daquele, a vida das comunidades cristãs; articulam com engenho as narrativas anteriores, antecipam os conteúdos das seguintes e fazem o encadeamento dos fragmentos textuais na redacção final do livro dos Actos.

Deste modo, Act 4, 32-35 apresenta a comunidade dos fiéis como uma multidão, um aglomerado, o que nos permite deduzir que já se fazia sentir em Jerusalém a influência dos cristãos e dos apóstolos. Mas, de igual forma, também era evidente o desconforto que a comunidade cristã provocava no seio da comunidade judaica. Os apóstolos já haviam sido levados ao Sinédrio (Act 4, 1-22), tendo sido, por esta instância religiosa, proibidos de «falar ou ensinar em nome de Jesus» (Act 4, 18). Não obstante tais proibições, ameaças e encarceramento, continuam a anunciar o Evangelho e, em resultado disso, a comunidade dos fiéis prosseguia engrossando o número de conversões (Act 4, 4; 5, 14).

É nesta altura que, certamente, o espaço de acção dos apóstolos começa a reduzir-se ao ambiente familiar das casas. De resto, deve notar-se que, se o judaísmo foi crescendo em torno do templo, o cristianismo desenvolve-se em ambiente mais restrito, em virtude de a casa de alguns agregados familiares passar a ser lugar de encontro da comunidade.

⁴⁴ No sumário, dá-se uma «accélération de la narration qui consiste à raconter en peu de mots des périodes longues (mois, années voire siècles)» (Cfr. «Sommaire», in AA. VV., *Vocabulaire raisonné de l'exégèse biblique. Les mots, les approches, les auteurs*, ed. Cerf, Paris 2005, 80).

⁴⁵ MICHEL GOURGUES, *Missão e comunidade (Actos dos Apóstolos 1-12)*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 1991, 41.

3.3. A especificidade de Act 2, 42-47

O sumário que aparece em Act 2, 42-47 é o mais abrangente quanto aos temas. Talvez por isso Daniel Marguerat afirme que se trata do «mais célebre do livro dos Actos»⁴⁶. As temáticas que desenvolve são abordadas nos outros sumários, mas não na totalidade. Todavia, deve igualmente dizer-se que contém aspectos que os outros sumários não referem.

Atendendo à forma como é apresentado, Act 2, 42 pode considerar-se uma síntese do próprio sumário, quer no contexto deste, quer relativamente aos outros dois, uma vez que, sinteticamente, antecipa os temas que adiante serão desenvolvidos. Por conseguinte, os desenvolvimentos adjacentes podem ser entendidos como especificações com carácter de utilidade para o leitor, dado que evidenciam a forma como as quatro características da vida da comunidade cristã – ensino dos apóstolos, comunhão fraterna, fração do pão e orações – fazem parte do quotidiano da comunidade.

Relativamente ao primeiro tema (o ensino dos apóstolos), aparece enunciado em Act 2, 42, mas Act 4, 33 sublinha a força e o vigor do ensino, bem como o conteúdo e a aceitação que o mesmo tinha junto do povo. Act 5, 12-16 não põe em saliência o ensino dos apóstolos, mas o texto que se lhe segue (Act 5, 17-24) relata a prisão e a libertação dos apóstolos, assim como a ordem do Anjo para que fossem para o templo ensinar o povo (Act 5, 19-21).

A comunhão fraterna, primeiramente referenciada em Act 2, 42, é clarificada na forma como é levada à prática na comunidade primitiva, em Act 2, 44-45 e em Act 4, 32.34-35. De resto, estes versículos dão uma visão geral, mas também muito elucidativa do espírito de comunhão que presidia à comunidade.

A fração do pão é um apontamento que se encontra apenas no primeiro sumário, em Act 2, 42, sendo retomado no versículo 46 do mesmo, onde se evidencia o local da celebração

⁴⁶ DANIEL MARGUERAT, *op. cit.*, 100.

(“em casa”), assim como o estado de espírito com que o faziam (“alegria e simplicidade de coração”).

Act 2, 42 desenvolve a importância da oração na comunidade, posteriormente reforçada em Act 2, 46, mediante o uso do advérbio temporal “diariamente” (καθ’ ἡμέραν), indicativo da regularidade com que frequentavam o templo, o lugar da reunião para a oração da comunidade. Act 5, 12 vai ao pormenor de especificar o espaço concreto do Templo onde os cristãos se reuniam: o Pórtico de Salomão.

Act 2, 43-47 apresenta a questão da credibilidade que a comunidade apostólica tinha junto dos crentes. Com efeito, os apóstolos estavam em estado de graça na relação com os fiéis e até mesmo com o povo. Este bom relacionamento marcou de tal forma a comunidade que é igualmente referido em Act 4, 33 e 5, 13.

Os sinais e prodígios constituem outra das marcas a destacar na primeira comunidade crente, que conferia a credibilidade ao trabalho evangelizador dos apóstolos já acima referida. Em Act 2, 43, são apresentados os sinais e prodígios como causa originária de crédito dos apóstolos na comunidade. Já em Act 5, 12, o texto reforça especificamente a autoria dos sinais. Posteriormente, em Act 5, 14-16, são destacadas a credibilidade da acção dos apóstolos e a forma como os crentes, de Jerusalém e dos arredores da cidade, acorriam a eles com a finalidade de obter a cura para muitos dos seus doentes.

Deve ser ainda tido em atenção o aumento numérico da comunidade, referido em Act 2, 47 e 5, 14, evidenciando este último que os aderentes são tanto homens como mulheres. Tal facto fica a dever-se, com certeza, não só à credibilidade que tinham os apóstolos, mas também ao espírito comunitário em que era envolvido todo aquele que professasse a nova doutrina.

Ao longo de Act 2, 42-47, de modo gradativo, o autor dá a conhecer o crescimento da Igreja em Jerusalém. Assim sendo, parte de um grupo restrito de algumas pessoas,

nomeadamente os apóstolos e algumas mulheres, para apresentar uma comunidade mais alargada e com poder de influência no mundo judaico e helénico.

3.4. Aspectos gramaticais

Act 2, 42 é introduzido pela forma verbal “eram” (ἦσαν) no imperfeito indicativo, o que remete para o sujeito da oração anterior⁴⁷ (Act 2, 41: οἱ μὲν οὖν ἀποδεξάμενοι τὸν λόγον αὐτοῦ / “os que aceitaram alegremente a sua palavra”). Por sua vez, a nominalização operada pela forma participial “assíduos / perseverantes” (προσκορτεροῦντες), introduzida em Act 2, 42.46, assinala uma qualidade inerente à comunidade cristã, relativa ao “ensino dos apóstolos” (διδασχὴ τῶν ἀποστόλων) e à “comunhão” (κοινωνία), à “fração do pão” (κλάσις τοῦ ἄρτου) e às “orações” (προσευχαί).

Na verdade, o texto em estudo recorre frequentemente ao imperfeito do indicativo e às formas gerundivas dos verbos, sendo estes tempos e modos usados para narrar acções que, tendo já começado, ainda decorrem com perspectivas de perdurar. Mas também, com frequência, os verbos são usados no particípio aoristo e imperfeito, indicando ou acções decorridas no passado e terminadas, ou outras que, ocorrendo nesse tempo, eventualmente se repetiram ainda por um período considerável. Por outro lado, como referido, o uso recorrente de nominalizações verbais está colocado ao serviço da caracterização dinâmica da comunidade, com indicações de qualidades específicas. Finalmente, muitas vezes, as orações são encadeadas pela partícula conjuntiva “e” (καί), o elemento conectivo mais comum ao longo do texto.

Saliente-se ainda que Act 2, 43 é introduzido e finalizado pela mesma forma verbal (ἐγένετο), que coloca as duas orações em concordância e relação. Assim, o temor que

⁴⁷ Cfr. *Ibid.*

sobreveio sobre todo o povo está directa e proporcionalmente relacionado com os sinais e prodígios realizados por acção dos apóstolos.

Se Act 2, 44 relaciona a união fraterna entre os crentes “eram unidos” (ἦσαν ἐπὶ τὸ αὐτό) e a comunhão de bens “tinham tudo em comum” (εἶχον ἅπαντα κοινά), o versículo seguinte especifica a radicalidade com que era vivida esta comunhão, lembrando que para tal vendiam (ἐπίπρασκον) os bens e distribuíam (διεμέριζον) a soma, conforme as necessidades de cada um. Estas formas verbais encontram-se no imperfeito activo, narrando uma acção que perdurou durante algum tempo e se repetiu por diversas vezes.

Em Act 2, 46, é reforçada a ideia da regularidade (καθ’ ἡμέραν) com que o templo era frequentado, assim como o espírito de comunhão (προσκαρτεροῦντες ὁμοθυμαδόν) que existia na comunidade primitiva. E, no versículo seguinte, é sublinhado o estado de graça (ἔχοντες χάριν) alcançado junto de todo o povo (πρὸς ὅλον τὸν λαόν), bem como o número de fiéis que diariamente (καθ’ ἡμέραν) eram salvos (τοὺς σωζομένους) e engrossavam (προσέτιθει) a comunidade.

III. OS GRANDES TEMAS DO TEXTO

Da leitura de Act 2, 42, ressaltam os quatro elementos caracterizadores da comunidade primitiva de Jerusalém: o ensino dos apóstolos (διδασχὴ τῶν ἀποστόλων), a comunhão fraterna (κοινωνία), a fração do pão (κλάσις τοῦ ἄρτου) e as orações (προσευχαί). Os membros da comunidade eram assíduos (προσκαρτεροῦντες)⁴⁸, a todos e a cada um deles.

Ao longo das páginas seguintes, procurar-se-á estudar de que forma estas quatro características da comunidade primitiva refletem a experiência de uma vida em comunhão, num contexto cultural que, se por um lado parece adverso, por outro é propício à consolidação do cristianismo no seio da comunidade judaica, com as suas características culturais e religiosas muito particulares, próprias de uma experiência que atravessara séculos de história, de êxitos e dificuldades, como é próprio de qualquer povo.

Não será por acaso que, em Act 2, 42, o narrador apresenta as características fundantes da comunidade, agrupadas duas a duas: o ensino dos apóstolos e a comunhão fraterna enquanto características próprias da relação interna da comunidade; a fração do pão e as orações como características da vida litúrgica da comunidade primitiva⁴⁹. Em suma, articulados com o texto que os envolve, os sumários fornecem um manancial de ensinamentos, pelo que são portadores de uma visão diferente sobre a comunidade primitiva de Jerusalém, assim como de coordenadas e sugestões para as comunidades cristãs de hoje.

⁴⁸ «O elemento fundamental e que qualifica a comunidade é a perseverança ou fidelidade no empenho assumido» (RINALDO FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, ed. Loyola, São Paulo 1991, 76).

⁴⁹ Cfr. JACQUES DUPONT, *Teologia della Chiesa negli Atti degli Apostoli*, ed. Dehoniane, Bologna 1984, 16.

1. Ensino dos Apóstolos (διδασχῆ τῶν ἀποστόλων)

O Pentecostes foi um acontecimento marcante para o grupo dos Doze. O «som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam» (Act 2, 2) e as «línguas, à maneira de fogo» (Act 2, 3) constituíram os sinais sensíveis da acção do Espírito Santo que motivou o discurso de Pedro à multidão, em Act 2, 14b-36. Tanto este como os discursos que se lhe seguem dão forma àquilo a que se pode chamar o ensino dos apóstolos (διδασχῆ τῶν ἀποστόλων). Não obstante, através dos discursos de Pedro, é notória a grande preocupação que o animava de anunciar os acontecimentos salvíficos realizados por Jesus Cristo, na sua vida, morte e ressurreição, sintetizados no *kérygma*⁵⁰ e desenvolvido na *didaké*⁵¹.

Relativamente a esta temática, Giuseppe Ferraro afirma que a acção dos apóstolos «não se trata de um ensino segundo a concepção da mentalidade grega, nem sequer de uma doutrina, nem segundo a concepção de teologia dogmática posterior; mas de um anúncio, de uma pregação cheia de força da vida que se fazia presente e operante na realidade anunciada, a salvação»⁵². Segundo o mesmo autor, o «ensinamento dos apóstolos compreende a proclamação da grande obra de Deus, cujo centro é a vida de Jesus: a morte, a ressurreição e glorificação, o pensamento e a conversão, o dom do Espírito Santo»⁵³.

Também José Miguel García considera que «o cristianismo caracteriza-se por este anúncio de Jesus de Nazaré como Senhor e Salvador dos homens. O mesmo é dizer que os cristãos proclamam como enviado de Deus, para levar a cumprimento o desígnio divino da salvação, aquele que as autoridades judaicas tinham condenado como blasfemo e

⁵⁰ «Termo grego (anúncio) que designa o acto da primeira pregação cristã (dirigida a judeus e pagãos) e, ao mesmo tempo, o seu conteúdo essencial, ou seja, a boa notícia da salvação realizada por Jesus Cristo morto e ressuscitado. [...] Delas sobressai a prática de comunicar o primeiro anúncio em forma de ensinamento (*didaké*) dos apóstolos» («Kérygma», in AA.VV., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, 513-514).

⁵¹ Cfr. *Ibid.*, 273-274.

⁵² GIUSEPPE FERRARO, *L'evangelizzazione nella chiesa primitiva*, ed. Piemme, Casale Monferrato 1994, 98.

⁵³ *Ibid.*, 98-99.

desencaminhador do povo»⁵⁴. Assim sendo, o ensino dos apóstolos «refere-se ao Evangelho: a tudo o que Jesus fez e ensinou desde o princípio; os apóstolos são aqueles que acompanharam Jesus e que são testemunhas da ressurreição. A comunidade funda-se no testemunho directo dos discípulos de Jesus: a “memória histórica” de Jesus é a que primeiramente funda e dá identidade à comunidade»⁵⁵.

D. Marguerat defende, por seu turno, que «a autoridade dos Doze na igreja de Jerusalém vem do facto de que eles foram seguidores da vida de Jesus até à sua ressurreição, e desde então portadores de uma palavra fundadora»⁵⁶.

Além disso, nos seus discursos, Pedro tem o cuidado de reavivar a memória dos ouvintes. Para tal, recorda o que foi escrito nas Sagradas Escrituras acerca d’Aquele que, tendo vivido entre os homens e entre estes realizara sinais prodigiosos, fora morto e sepultado, mas ressuscitara. Agora vive para sempre, e assim também todos aqueles que se arrependem e pedirem o baptismo. As temáticas elencadas acabam por ser comuns à generalidade dos discípulos no anúncio pós-pascal, como podemos ver em Act 2, 22-24; 3, 12-16; 4, 8-10 e 5, 29-32.

No templo ou perante o sinédrio, os discursos de Pedro incluem sempre «a censura “mataram quem dá a vida” e a proclamação “mas Deus ressuscitou-o” (3, 15)»⁵⁷. Os ensinamentos não eram do agrado dos chefes dos sacerdotes, nem do oficial do templo ou dos saduceus (Act 4, 2), pois correspondiam a uma doutrina que não estava em concordância com aquela que estes grupos professavam (Lc 20, 27).

Para Pedro e os demais apóstolos tornava-se, por conseguinte, imprescindível anunciar que Jesus tinha sido morto, bem como apontar os responsáveis directos por tal homicídio, a que contrapunham que Deus o havia ressuscitado e agora permanecia vivo e que aqueles que

⁵⁴ JOSÉ MIGUEL GARCÍA, *As origens históricas do Cristianismo*, ed. Tenacitas, Coimbra 2007, 260.

⁵⁵ JOSÉ ANTONIO BADIOLA, «La comunidade cristiana primitiva: algunos trazos característicos», in *Lumen*, LIII/3 (2004), 223.

⁵⁶ DANIEL MARGUERAT, *op. cit.*, 104.

⁵⁷ FRANZ MUBNER, «Igreja e judaísmo», in *Communio*, XII (1995), 197.

nele acreditassem ressuscitariam igualmente. Apesar de este ensinamento se ter tornado causa de perseguição aos apóstolos e, depois, a toda a comunidade dos fiéis, esta fortalecia-se mutuamente na fé, e de tal forma que Act 4, 33 refere essa característica como sendo definidora da comunidade de Jerusalém. A força e o poder, presentes na pregação dos apóstolos, vinham do Espírito Santo e cresciam pelos milagres que aconteciam entre o povo, sinais que tornam evidente o apreço que o povo nutria pelos ensinamentos dos apóstolos, a ponto de os aceitar e os interiorizar como matéria de fé. A este respeito, D. Marguerat afirma que «é preciso compreender os seus ensinamentos e a sua doutrina, não são um sistema dogmático, mas uma proclamação do Messias Jesus e a confirmação através das escrituras desta nova iniciativa de Deus»⁵⁸.

Deste modo, torna-se necessário ter em conta que «os fiéis sentem-se parte de uma comunidade religiosa especial; [...] não se emancipam da outra comunidade que era o povo de Israel, e permanecem fiéis à fé dos seus pais e à lei. Escutam com interesse a instrução dos apóstolos»⁵⁹ e consideram-nos «os depositários oficiais da doutrina»⁶⁰.

Numa primeira fase, os apóstolos tiveram a preocupação de ensinar que Jesus tinha sido morto pelos chefes do povo e tinha ressuscitado por acção directa de Deus. Na sua pregação, Pedro inclusivamente responsabiliza os seus ouvintes pela morte de Jesus, porque eles tinham recusado os seus ensinamentos e tinham-no condenado à morte. Contudo, Deus havia repostado a justiça, ao ressuscitá-lo de entre os mortos. Deste modo, no anúncio pós-pascal não é atribuído a Jesus Cristo qualquer título cristológico. Esta matéria só viria a ser desenvolvida posteriormente.

Com efeito, o conteúdo da primeira pregação pós-pascal dos discípulos coincidiu com o conteúdo da mensagem de Jesus, mas «a mensagem da ressurreição de Jesus não foi o único conteúdo da pregação dos discípulos. A reabilitação do Crucificado por parte de Deus

⁵⁸ DANIEL MARGUERAT, *op. cit.*, 104.

⁵⁹ ALFRED WIKENHAUSER, *op. cit.*, 84.

⁶⁰ *Ibid.*

legitimou definitivamente a mensagem do Jesus terreno. Por isso, era necessário proclamá-lo de novo e com urgência a todo o Israel»⁶¹. Se, por um lado, os discípulos não deixaram, a partir de então, de anunciar a ressurreição de Jesus; por outro, simultaneamente, «convidaram os destinatários da sua mensagem a fazerem penitência, tal como o fizera Jesus; anunciavam o perdão dos pecados e a salvação para os pobres»⁶².

Rinaldo Fabris sintetiza esta temática de uma forma muito clara. Segundo ele, entende-se por ensino dos apóstolos «a instrução ou aprofundamento que segue à adesão de fé inicial selada pelo batismo. O conteúdo abrange a releitura de textos bíblicos à luz de Cristo, a evocação dos ensinamentos de Jesus, para guiar as opções práticas dos crentes»⁶³. Refira-se a este respeito que, desde a primeira hora, Pedro tem o cuidado de salientar que o que as profecias anunciavam no Antigo Testamento teve pleno cumprimento em Jesus Cristo, o que corresponde à confirmação de que Ele era de facto Aquele que esperavam para a salvação de Israel.

Na verdade, a comunidade tem a sua origem na escuta da palavra e «o seu crescimento e amadurecimento dependem também do aprofundamento e interiorização da palavra»⁶⁴, que «é a transmissão fiel do que Jesus ensinou»⁶⁵. A pregação dos apóstolos, como referido, apelava à conversão e à penitência, em virtude de todos os destinatários da mensagem pós-pascal serem responsáveis pela crucifixão de Jesus. Afinal, Ele tinha sido crucificado por causa dos pecados de todo o povo. É com este ponto de partida que os apóstolos anunciam a necessidade de todos aderirem à doutrina de Jesus e logo tornarem-se seus discípulos por meio do batismo, pela necessidade de conversão e de penitência.

A tarefa de anunciar a doutrina de Jesus Cristo não era, para os apóstolos, uma realidade totalmente nova, pois, como sabemos, «os discípulos continuaram depois da páscoa a

⁶¹ LUDGER SCHENKE, *op. cit.*, 34.

⁶² *Ibid.*

⁶³ RINALDO FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, ed. Loyola, São Paulo 1991, 76.

⁶⁴ *Ibid.*

⁶⁵ *Ibid.*

actividade da pregação missionária que já tinham realizado por mandato de Jesus antes da páscoa»⁶⁶. Por sua vez, Jesus já os tinha enviado a todo o território israelita, a anunciar a sua mensagem (Lc 10, 1-11). Aos discípulos, numa primeira fase, coube dar continuidade e complementar a mensagem com os acontecimentos pascais. É certo que o anúncio pós-pascal difere do anúncio pré-pascal, uma vez que aquele teve como fundamento uma releitura de toda a vida de Jesus, vista numa perspectiva pascal, e com tudo o que isso implicava para futuro.

Também no que diz respeito às celebrações da comunidade primitiva de Jerusalém, pode dizer-se, com verdade, que os cristãos se serviram dos livros do culto judaico. Mas agora tinham uma leitura diferente, interpretados que foram numa perspectiva pascal. Deste modo, os textos sagrados tornaram-se realidade concreta na pessoa de Jesus. O mesmo é dizer que era para Jesus que os textos dos profetas e dos salmos apontavam.

Assinale-se ainda que, ao longo dos primeiros capítulos dos Actos, podemos verificar a relação constante entre *kérygma* e *didaké*, ou seja, entre o anúncio e o ensino dos apóstolos que se repercute nas relações internas da comunidade e na vida espiritual. A relação de interdependência entre *kérygma* e *didaké* é, de resto, uma condição necessária para a evangelização.

2. Comunhão de bens (κοινωνία)

Os fiéis eram perseverantes na comunhão (κοινωνία), tal como o eram no ensino dos apóstolos. Na verdade, a comunhão de bens era uma prática de tal modo corrente na comunidade cristã primitiva que as referências a esta forma de estar comunitária são inúmeras nos Actos dos Apóstolos.

⁶⁶ LUDGER SCHENKE, *op. cit.*, 35.

Ainda antes do Pentecostes e após a Ascensão, os discípulos desceram o monte das Oliveiras, entraram na cidade de Jerusalém e «subiram para a sala de cima, no lugar onde se encontravam habitualmente» (Act 1, 13). Este versículo refere o nome daqueles que estavam na sala e o versículo seguinte revela o espírito de comunhão da comunidade: «E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração» (Act 1,14). Assim, os primeiros cristãos «formavam uma verdadeira comunhão de “irmãs” e “irmãos” que percorriam juntos o “novo caminho” (Act 9, 2) aberto por Jesus com a sua mensagem e o seu ensinamento»⁶⁷ e de tal forma que J. A. Fitzmyer considera que o termo *κοινωνία* «é o primeiro nome que Lucas dá à Igreja cristã em Actos»⁶⁸.

Desenvolvida nos três sumários, (Act 2, 42-47; 4, 32-35 e 5, 12-16), a temática da comunhão de bens, em Act 2,42-47, é enunciada no v. 42 e retomada nos vv. 44 e 45, mediante os quais somos elucidados sobre a forma como a comunidade vivia este princípio da comunhão. Em Act 4, 32-35, por sua vez, é apresentada, na íntegra, uma descrição sumária da forma como era feita a partilha dos bens e do espírito de comunidade que presidia à Igreja de Jerusalém, de onde é possível inferir que o sentimento de pertença vai aumentando, assim como o de comunidade. A este respeito, é apresentado como exemplo o caso de Barnabé (Act 4, 36-37) que, depois de vender um campo, depositou o produto da venda aos pés dos apóstolos.

Na verdade, como refere Ludger Schenke, «iam surgindo “proprietários” na comunidade que ofereciam a todos o uso dos seus bens»⁶⁹. Porém, outros intentam ludibriar a comunidade e os apóstolos, como no caso de Ananias e Safira, que, combinados, depositam junto dos apóstolos apenas uma parte dos dividendos da venda de uma propriedade, procurando convencer toda a comunidade que doavam toda a importância da transação (Act 5, 1-2).

⁶⁷ *Ibid.*, 132.

⁶⁸ JOSEPH. A. FITZMYER, *op. cit.*, 364.

⁶⁹ LUDGER SCHENKE, *op. cit.*, 133.

Act 5, 12-16 não refere diretamente a comunhão de bens, mas deixa subentendido o espírito de unidade existente na comunidade. Perante a oposição dos anciãos do povo, dos sumo-sacerdotes do Templo e de todo o Sinédrio, os membros da comunidade mantinham-se unidos em oração e «glorificavam a Deus pelo que tinha acontecido» (Act 4, 21).

Segundo José António Badiola, a comunhão «tem duas dimensões: uma subjectiva, a “koinonía de comunhão”, expressa mediante a fórmula “tinham um só coração e uma só alma”, isto é, constituíam um só corpo; outra objectiva, a “koinonía de solidariedade”, mais complexa, que se pode resumir em três realidades fundamentais: a) tinham tudo em comum: havia, portanto, comunhão de bens; b) repartia-se com cada um segundo a sua necessidade; c) em consequência, não havia necessitados entre eles»⁷⁰. Contudo, este autor considera que, sobretudo em matéria de bens, seria difícil manter um espírito de comunhão tão estrito quanto nos é apresentado nos sumários.

Segundo J. A. Badiola, a partilha expressava a atenção às necessidades do próximo e a disponibilidade de cada um para partilhar: «cada qual dava segundo a sua possibilidade, cada qual recebia segundo a sua necessidade, não havia necessitados entre eles»⁷¹. Em suma, «é da comunhão de espírito que surge a condissão dos bens»⁷².

D. Marguerat refere, por sua vez, que apesar do esforço de restringir o alcance compreensivo de *κοινωνία*, esta alcança não só a «dimensão material da partilha de bens»⁷³, mas também a «dimensão da unanimidade espiritual»⁷⁴.

R. Fabris considera que, no contexto dos Actos, «a comunhão fraterna é a união espiritual dos crentes baseada na mesma fé e no mesmo projeto de vida»⁷⁵, cuja expressividade «visível e operativa desta fraternidade espiritual é a participação dos bens»⁷⁶.

⁷⁰ JOSÉ ANTONIO BADIOLA, *ar. cit.*, 223.

⁷¹ *Ibid.*

⁷² JACQUES DUPONT, *op. cit.*, 17.

⁷³ DANIEL MARGUERAT, *op. cit.*, 104.

⁷⁴ *Ibid.*

⁷⁵ RINALDO FABRIS, *op. cit.*, 76.

⁷⁶ *Ibid.*

Ainda neste âmbito, Córdula Langner afirma que «a comunidade dos crentes intentava praticar a comunhão de bens, deste modo se apoiavam mutuamente para que não houvesse necessitados entre eles»⁷⁷. Efectivamente, com o alargamento da comunidade, passou a existir uma maior liberdade de ação, pelo que começa-se a projetar realizar o ideal bíblico de acabar com a pobreza em Israel⁷⁸. Contudo, «a afirmação de que “ninguém passava necessidade” na comunidade é, pois, resultado de uma ação que tende à compensação das diferenças sociais na comunidade, e não à situação predominante nela desde o princípio»⁷⁹.

No entanto, o princípio na base da observância da partilha de bens, que caracteriza o «movimento primitivo [,] é a crítica atroz da riqueza e da propriedade»⁸⁰. Não que se apelasse à pobreza, antes à partilha e à justa distribuição dos bens. Na verdade, os estratos sociais detentores dos bens eram os latifundiários; os outros, os pobres, cultivavam as propriedades detidas por aqueles e eram explorados na sua condição de trabalhadores.

À luz do Evangelho e dos Actos dos Apóstolos, a pobreza não era vista como um destino fatal, antes como «um ideal, por trás da qual brilhava uma confiança incondicional na bondade e providência de Deus»⁸¹. Deste modo, «Lucas não sustenta o ideal da pobreza! Seu ideal é a solidariedade: a comunhão de bens, o apoio e a ajuda recíproca conseguem o estado ideal»⁸². Para a comunidade primitiva, a dependência de uns em relação aos outros constituía um elemento essencial ao fortalecimento dos laços comunitários dos fiéis.

Sabemos, todavia, que a comunidade primitiva terá idealizado o seu desapego aos bens materiais, e eventualmente tê-lo-á concretizado, passando a ter tudo em comum. Mas este ideal não é propriamente uma novidade. O princípio já é apresentado como norma de vida no Antigo Testamento, no livro do Deuterónimo (15, 4-11), e, no âmbito filosófico, consta

⁷⁷ CÓRDULA LANGNER, *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, ed. Verbo Divino, Estella 2008, p. 293.

⁷⁸ Cfr. *Ibid.*

⁷⁹ LUDGER SCHENKE, *op. cit.*, 133.

⁸⁰ JOSÉ ANTONIO BADIOLA, *ar. cit.*, 200.

⁸¹ *Ibid.*

⁸² CÓRDULA LANGNER, *op. cit.*, 303.

também do tratado aristotélico sobre a amizade⁸³ que menciona a comunhão de bens, tornada realidade nas comunidades pitagóricas. Assim sendo, não sabemos se a comunidade primitiva de Jerusalém tinha algum conhecimento sobre esta prática comunitária, mas «os ideais bíblicos e pagãos tiveram o seu cumprimento na comunidade primitiva»⁸⁴.

A temática da comunhão, perfeitamente retratada nos sumários, pode ser observada ainda no âmbito da unidade, tanto em «“todos os crentes viviam unidos” (2,44) [como em] “a multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma” (4,32). O facto de se aludir a esta comunhão, em relação com o ensinamento dos Apóstolos e a fracção do pão»⁸⁵ indica o fundamento da unidade.

Apesar da atitude e desejo de partilha, convém ter presente que «a renúncia radical aos bens praticada na comunidade primitiva não era obrigatória mas voluntária»⁸⁶. Pedro expressa claramente em Act 5, 4 que não tinha necessidade de vender a propriedade, nem de dar o valor da venda à comunidade. No que a isto diz respeito, L. Schenke sugere que aqueles que partiam em missão para evangelizar optavam por renunciar aos seus haveres, vendendo-os e depositando o valor da venda aos pés dos Apóstolos⁸⁷. Deste modo, dariam cumprimento a Lc 18, 18-27.

3. Fração do Pão (κλάσις τοῦ ἄρτου)

A fração do pão (κλάσις τοῦ ἄρτου) aparece, em Actos, como a «terceira “fidelidade”»⁸⁸ da comunidade primitiva. Contudo, os exegetas não são unânimes quanto ao

⁸³ Cfr. AA.VV., *Hechos de los Apóstoles. La Biblia comentada por los padres de la Iglesia. Nuevo Testamento 5*, ed. Ciudad Nueva, Madrid 2011, 76-77.

⁸⁴ *Ibid.*

⁸⁵ JULIÁN CARRÓN, «A experiência cristã nos Actos dos Apóstolos», in *Communio*, XIII/4 (1996), 319.

⁸⁶ LUDGER SCHENKE, *op. cit.*, 137.

⁸⁷ Cfr. *Ibid.*, 135-136.

⁸⁸ MICHEL GOURGUES, *op. cit.*, 48.

seu sentido. Alguns têm mesmo dificuldade em separar a refeição feita em comunidade da refeição do «banquete eucarístico»⁸⁹, embora se saiba que, na cultura hebraica, a refeição tomada em comum tem um «valor religioso»⁹⁰, sendo que «os alimentos tomados em comum eram antecedido do gesto do pai de família, que na qualidade de presidente da mesa tomava o pão em suas mãos, recitava sobre ele a oração de acção de graças, [...] depois partia-o, e dava um pedaço a cada um dos comensais»⁹¹.

Estas reuniões culturais⁹², que ocorriam diariamente nas casas dos primeiros cristãos, seguiam uma estrutura mais ou menos convencional, mas, em rigor, não obedeciam a qualquer formulário litúrgico. Assim sendo, os primeiros cristãos faziam a refeição em comum, rezavam juntos, liam e comentavam os textos sagrados, regulavam as questões da vida da comunidade, faziam reflexões de natureza teológica e cristológica e desenvolviam conteúdos que pudessem vir a dar um contributo para possibilitar uma tradição normativa e cultural.

Segundo L. Schenke, o encontro nas casas para a fração do pão tinha uma forte relação com o «ágape comunitário, destinado a satisfazer a necessidade de nutrição»⁹³. Este acto estava sujeito a um rito litúrgico próprio. Assim, um dos elementos da «comunidade doméstica deveria presidir à mesa e iniciar a refeição, partindo o pão e distribuindo-o. Este rito ia acompanhado da bênção correspondente, tal como acontecia na mesa judaica. A interpretação da Escritura e o ensino da *Torah* obedeciam a certas estruturas»⁹⁴. Se na reunião estivesse uma pessoa com formação nos textos sagrados, era-lhe confiada a interpretação e o ensino das Sagradas Escrituras⁹⁵.

⁸⁹ GIUSEPPE FERRARO, *op. cit.*, 100. Na mesma linha de pensamento, DANIEL MARGUERAT, *op. cit.*, 104.

⁹⁰ GIUSEPPE FERRARO, *op. cit.*, 100.

⁹¹ ALFRED WIKENHAUSER, *op. cit.*, 85.

⁹² Cfr. LUDGER SCHENKE, *op. cit.*, 138.

⁹³ *Ibid.*

⁹⁴ *Ibid.*, 139.

⁹⁵ Cfr. *Ibid.*

Porém, já se faziam sentir diferenças culturais entre o judaísmo e o cristianismo, embora ainda em fase embrionária. A comunidade primitiva estava consciente dessas diferenças, e de tal modo que, embora os cristãos se reunissem todos os dias no Templo, era nas casas dos fiéis que partiam o pão, o que «possivelmente se refere à Eucaristia em relação com a ágape»⁹⁶.

Michel Gourgues nota que a fracção do pão é a «refeição eucarística»⁹⁷, que «tinha lugar nas casas particulares»⁹⁸ dos cristãos, segundo o que descreve Lucas em Act 2, 46. Contudo, o que nos leva a acreditar tratar-se da celebração eucarística é a descrição não só do gesto, mas de todo o processo: «partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração» (Act 2, 46). Segundo M. Gourgues, Lucas destaca o modo como os cristãos participavam na refeição. Pela forma como este autor a descreve, depreende-se que não se trata da refeição familiar quotidiana, pois essa não seria tão especificamente narrada. Além do mais, em Lucas, as «disposições de alegria [...] estão sempre relacionadas com a fé»⁹⁹.

Deste modo, no que respeita à fracção do pão, «a eucaristia celebrava-se em casa, no contexto de uma refeição, em oposição ao culto no Templo, ainda que essas orações, se se referirem aos Salmos, poderiam ter como cenário o Templo. O testemunho dos seguidores, a solidariedade efectiva e a Eucaristia festiva são as três actividades básicas da comunidade depois do Pentecostes, que têm por cenário a casa, lugar onde se vive em pequena comunidade e donde nasce a Igreja doméstica».¹⁰⁰

Assim, sublinhe-se que os conteúdos que o tema pode abarcar não reúnem consenso. De resto, «não faltam razões para pensar que o v. 42 faz referência a um rito da comunidade primitiva, formado por quatro partes, a saber: 1.ª instrução dos apóstolos aos fiéis; 2.ª colecta

⁹⁶ FRANZ MUBNER, *ar. cit.*, 197.

⁹⁷ MICHEL GOURGUES, *op. cit.*, 48.

⁹⁸ *Ibid.*

⁹⁹ *Ibid.*, 49.

¹⁰⁰ JOSÉ ANTONIO BADIOLA, *ar. cit.*, 223.

de bens para auxílio dos membros necessitados da comunidade; 3.^a refeição; 4.^a orações recitadas em comum»¹⁰¹.

Por conseguinte, através da leitura dos Actos dos Apóstolos, é possível inferir que o novo culto tem lugar nas casas particulares dos primeiros cristãos, porquanto o judaísmo continua fortemente ligado ao Templo. Assim se compreende a referência em Act 1, 12-14, que indica que a primeira comunidade apostólica se reúne numa casa, na qual, posteriormente, tem lugar o Pentecostes.

Com efeito, segundo os autores que fundamentam a presente investigação «no centro da vida da comunidade está a ceia eucarística, celebrada em clima de “alegria” (Act 2, 46)»¹⁰². Assim, «a ceia eucarística é memória da morte e da ressurreição do Senhor, fonte de unidade entre os crentes e espera da sua vinda ardentemente desejada»¹⁰³. Aquela ter-se-á tornado, inclusivamente, causa de «gozo da salvação escatológica»¹⁰⁴. De resto, o «entusiasmo escatológico»¹⁰⁵ dominava claramente as reuniões da comunidade primitiva, que passou a viver por antecipação a alegria escatológica, pois esperava para breve «o começo iminente do tempo final»¹⁰⁶.

4. Orações (προσευχάι)

Os primeiros cristãos eram «assíduos [...] às orações [ταῖς προσευχαῖς]» (Act 2, 42), da mesma forma como o eram em relação ao ensino dos apóstolos, à comunhão fraterna e à fração do pão. Da forma como Act 2, 42-47 está estruturado, conclui-se com facilidade que as orações tinham lugar no Templo. Era neste lugar de culto que ocorria a «liturgia da palavra

¹⁰¹ ALFRED WIKENHAUSER, *op. cit.*, 85.

¹⁰² JOSÉ ANTONIO BADIOLA, *ar. cit.*, 218.

¹⁰³ *Ibid.*

¹⁰⁴ *Ibid.*

¹⁰⁵ LUDGER SCHENKE, *op. cit.*, 138.

¹⁰⁶ *Ibid.*

que consistia na leitura da lei»¹⁰⁷. A partir dali «desenvolve-se um sistema sacrificial que era a alma do culto judaico»¹⁰⁸. Consequentemente, «Os sacrifícios cultuais do AT eram, simultaneamente, oferta, expiação e comunhão. Não se tratava de um tributo como tal; era antes um gesto de gratuidade e reconhecimento que expressa de forma visível a soberania de Deus sobre todas as coisas. Podemos constatar isso mesmo pela oferta dos primeiros frutos da terra, das primícias que assim eram “dessacralizadas” dos ritos de fecundidade para serem retribuídas a Deus como fonte de todas as coisas»¹⁰⁹.

Com efeito, os textos bíblicos e extra-bíblicos referem «diversos tipos de sacrifícios, sendo de destacar os holocaustos, os sacrifícios de comunhão, os sacrifícios expiatórios e as ofertas. De entre todos, assume particular importância no contexto da liturgia do AT o sacrifício chamado “*Tamid*” (quotidiano ou diário) que era oferecido no Templo, pela manhã e à tarde, diariamente sem interrupção. Neste sacrifício era imolado um cordeiro de um ano, sem defeito. Esta imolação era acompanhada de um ritual profundamente simbólico e que encontrará grandes ecos na teologia do NT, logo a começar pela designação de Jesus como “cordeiro de Deus” e como chave de leitura da sua morte»¹¹⁰.

Para além dos sacrifícios, as orações ocupam um lugar de destaque no judaísmo, nomeadamente por evidenciarem «os elementos principais da espiritualidade judaica, como sejam: a santificação do Nome, a presença da Shekinah, a intercessão, a bênção, o memorial das acções de Yahwé, o mérito dos “pais”»¹¹¹. De entre elas destacam-se: «o *Shemá Israel*, o *Shemoné Esré* e o *Qiddush*»¹¹², as «três orações que definem a identidade da fé judaica e testemunham igualmente o ritmo da sua vivência»¹¹³.

¹⁰⁷ JOÃO DUARTE LOURENÇO, *op. cit.*, 112.

¹⁰⁸ *Ibid.*

¹⁰⁹ *Ibid.*

¹¹⁰ *Ibid.*, 122-123.

¹¹¹ *Ibid.*, 166.

¹¹² *Ibid.*

¹¹³ *Ibid.*

O crente judeu deveria recitar o *Shemá Israel* duas vezes ao dia: de manhã e à tarde. A oração era acompanhada por duas bênçãos, uma antes e outra depois, se rezada de manhã; e uma antes e duas depois, se rezada à tarde¹¹⁴.

A oração de *Shemoné Esré* constitui o núcleo central da oração quotidiana e era recitada na sequência do *Shemá*, pelo que é também conhecida pelo nome de *Tephilá*, isto é, “a oração” por excelência¹¹⁵. Por meio dela, o povo de Israel deveria fazer «memória dos Pais»¹¹⁶ e a «“santificação do nome” de Deus»¹¹⁷.

A oração *Qiddûsh* consiste numa «liturgia familiar que marca a espiritualidade do sábado e a sua importância na vida da comunidade judaica. O momento central da oração consistia na bênção que o pai de família pronunciava sobre o pão e o vinho, após o regresso da sinagoga, para assim dar início ao sábado ou a outros dias festivos»¹¹⁸.

Com efeito, «a comunidade primitiva de Jerusalém sentia-se ainda inteiramente vinculada ao Templo»¹¹⁹. Continuava a frequentá-lo, sobretudo nas principais orações dos judeus, assim como mantinha os momentos que a espiritualidade judaica recomendava para a prática familiar das casas. Contudo, já tinham consciência da especificidade da nova doutrina, o cristianismo. Assim se percebe que nas casas, «quando [os fiéis] estavam reunidos para rezar, principalmente para a celebração da Eucaristia, a sua oração devia decalcar de forma instintiva a da sinagoga»¹²⁰. Lucas, ao longo do livro dos Actos dos Apóstolos, refere vários momentos de oração, e inclusivamente apresenta o esquema de uma oração, em Act 4, 23-31.

Após a Ascensão de Jesus, depois de os discípulos descerem o «monte chamado das Oliveiras» (Act 1, 12), «chegaram à cidade, subiram para a sala de cima, no lugar onde se encontravam habitualmente» (Act 1, 13). Sem dar qualquer outra indicação geográfica ou

¹¹⁴ Cf. *Ibid.*, 167.

¹¹⁵ *Ibid.*, 169.

¹¹⁶ *Ibid.*, 171.

¹¹⁷ *Ibid.*

¹¹⁸ *Ibid.*, 172.

¹¹⁹ FRANZ MUBNER, *ar. cit.*, 197

¹²⁰ AA.VV., *Uma leitura dos Actos dos Apóstolos*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 1996, 37.

toponímica, Act 1, 14 indica que os discípulos que estavam «todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres». O mesmo grupo, reunido nesse lugar e liderado por Pedro, procede à eleição de alguém, de entre aqueles que tivessem acompanhado em todo tempo em que Jesus esteve com eles, para ocupar o lugar deixado por Judas. A escolha entre Matias e José é submetida ao Espírito Santo, ao qual todos os presentes fazem a seguinte oração: «Senhor, Tu que conheces o coração de todos, indicanos qual destes dois escolheste para ocupar, no ministério apostólico, o lugar abandonado por Judas, que foi para o lugar que merecia» (Act 1, 24-25). A eleição recai sobre Matias que para tal parecia não ter condições, isto é atributos qualificativos suficientes, ao contrário de «José, de apelido Barsabas, chamado Justo» (Act 1, 23).

Em Act 2, 46, depois do episódio do Pentecostes, pode ler-se que os cristãos «frequentavam diariamente o Templo». A expressão indica que a comunidade primitiva não estava em rotura com o judaísmo, antes vivia a religião judaica tal como outros grupos étnicos da época (saduceus, fariseus, essénios, zelotes, entre outros). Assim, «os primeiros crentes permaneceram profundamente Judeus e [...] a sua adesão a Jesus Cristo deu um novo sentido à sua relação com Deus»¹²¹. Deste modo, continuavam a deslocar-se ao Templo, visto em Actos como o local da oração, para lá realizarem as orações próprias do judaísmo. Na verdade, de tal modo se sentiam judeus, que « iam ao templo todos os dias, e muito provavelmente para tomar parte nos dois tempos de oração-Tamid»¹²², como foi referido anteriormente.

Uma dessas idas ao Templo é relatada em Act 3: «Pedro e João subiam ao Templo, para a oração das três horas da tarde» (Act 3, 1). Ali, encontraram «um homem, coxo desde o ventre materno, que todos os dias colocavam à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola àqueles que entravam» (Act 3, 2). Assim, ao longo do texto são colocados em relação

¹²¹ *Ibid.*, 37.

¹²² FRANZ MUBNER, *ar. cit.*, 197.

a esmola, a oração e o milagre. O encontro com o coxo é nisto paradigmático. A cultura da época votava-o à marginalização, porquanto aquele era destituído de valor social, discriminado por a sua doença ser associada ao pecado, seu ou dos seus pais, sendo olhado por todos com desprezo. Esta situação originava que a esmola lhe fosse dada de forma apressada e rotineira. Diferentemente, quando o encontra, «Pedro juntamente com João, olhando-o fixamente, disse-lhe: “Olha para nós”» (Act 3, 4). O coxo teria pedido apenas umas moedas; os apóstolos terão certamente querido dar tudo quanto tinham. Mas, uma vez que não tinham ouro nem prata, davam-lhe o dom do Espírito do Ressuscitado, que havia de manifestar-se na sua cura. Posteriormente, o coxo agraciado com a cura acompanha os apóstolos, «caminhando, saltando e louvando a Deus» (Act 3, 9). Note-se que a forma como o miraculado entra no templo pode ser considerada uma oração, no que é uma atitude genuína de dar glória a Deus: depois de limitado nos seus movimentos, agora, «caminhando e saltando», dá testemunho e manifesta alegria, louva a Deus pelos prodígios que nele tiveram lugar. Assim se compreende que o acontecimento que correspondeu à cura do coxo de nascença tenha provocado uma série de reações, a saber: a admiração do povo anónimo e a irritação dos sacerdotes, do comandante do templo e dos saduceus, que prenderam os apóstolos «até ao dia seguinte» (Act 4, 3) para os interrogar. Depois disto libertaram-nos e, uma vez livres, estes apressaram a ir «ter com os seus e a contar-lhes tudo quanto os sumo-sacerdotes e os anciãos lhes tinham dito» (Act 4, 23).

Abordadas sumariamente estas temáticas, podemos concluir que elas fazem parte de um todo que corresponde à experiência da comunidade primitiva de Jerusalém. É difícil tratar qualquer um dos temas isoladamente. A relação existente entre todos fundamenta e determina o desenvolvimento e progresso do cristianismo, tendo sido por meio daqueles que a comunidade primitiva adquiriu a simpatia de todo o povo (Act 2, 47).

Por sua vez, os apóstolos davam testemunho dos acontecimentos que envolveram a vida, morte e ressurreição de Jesus. Para eles tornara-se evidente que não podiam silenciar o que tinham visto e escutado da parte de quem tinha ressuscitado dos mortos. Acontecimento único que confirmava a fé da ala farisaica do judaísmo, a ressurreição de Jesus Cristo tornara-se o acontecimento por excelência, capaz de dar esperança e de fazer a diferença na vida dos seus fiéis.

A forma como este anúncio foi realizado provocou uma reacção que favoreceu uma mudança na vida quotidiana das pessoas. Doravante, estas procuraram viver segundo os princípios da comunhão fraterna espelhada na partilha e fundada na comunhão espiritual. E estes valores entranharam-se de tal modo na comunidade que o próprio culto era uma manifestação de comunhão, quer nas casas, quando celebravam a fração do pão, quer no templo, quando lá iam para rezar. A comunhão de bens e a comunhão espiritual constituíam, portanto, o sinal distintivo que diferenciava a comunidade cristã das outras comunidades.

CONCLUSÃO

À imagem da comunidade cristã primitiva de Jerusalém que, quotidianamente, se reunia para aprender, confraternizar, celebrar e orar, também nós, como Igreja, devemos reflectir acerca da preponderância destas dinâmicas nos tempos actuais. Para tal, faremos uma reflexão em dois momentos.

Numa primeira parte, queremos lançar um olhar sobre a investigação realizada ao longo dos três capítulos deste trabalho acerca da comunidade primitiva de Jerusalém. Na segunda parte, colocamos algumas questões que podem ajudar a reflectir, comparativamente, sobre a práxis desta comunidade primitiva e a práxis das comunidades cristãs na actualidade.

1. Percurso efectuado

A vida das primeiras comunidades cristãs surgiu como tema da presente investigação por sugestão do orientador deste trabalho. Aparentemente, trata-se de uma realidade simples, delimitada no tempo e, portanto, ultrapassada. No entanto, ela foi o germen do que somos hoje comunitariamente, à distância de várias gerações, culturas e realidades. Nesse sentido, urge revisitá-la para melhor percebermos o caminho trilhado no passado e o que dele poderemos importar para dar passos seguros rumo ao futuro.

Ao longo do primeiro capítulo, tivemos a oportunidade de estudar o contexto social, político, cultural e religioso da comunidade primitiva. Deste modo, travámos conhecimento com as difíceis condições de vida que as populações judeo-cristãs enfrentavam: a pobreza, a exploração, a escravatura, a exclusão.

A maior parte da população vivia na pobreza, não tendo capacidades reivindicativas¹²³. As instituições políticas locais encontravam-se numa situação de subserviência face à potência dominadora, isentando-se de encontrar respostas para melhorar as condições de vida das populações e mantendo-se alheadas dos problemas reais dos súbditos. À situação social acresce a dimensão cultural. Por causa da influência crescente da cultura grega, o povo israelita estava a perder a sua identidade judaica. Esta conjuntura teve impacto a nível religioso. Apesar do peso secular da tradição, os sacerdotes e os doutores da Lei não se preocupavam com um factor que veio a verificar-se ser de singular importância para o aparecimento e desenvolvimento do cristianismo: a inclusão. Note-se que, no contexto religioso judaico, todos aqueles que não tinham uma vida abastada, ou pelo menos remediada, estavam fora do plano de salvação de Deus, pois o facto de possuir riqueza era tido como um sinal da bênção de Deus.

O livro dos Actos dos Apóstolos permite-nos compreender a vida das primeiras comunidades, nomeadamente porque possibilita a investigação de elementos da práxis dos apóstolos, como o *kérygma* e a *didaké*. Nos Actos, torna-se evidente a articulação sucinta das narrações que respeita todo um processo pedagógico de educação da comunidade na fé cristã. Ao nível do conteúdo, uma palavra-chave caracteriza a comunidade primitiva de Jerusalém: a assiduidade. Certamente, a assiduidade e a perseverança foram as responsáveis pela difusão do cristianismo, sobretudo durante os períodos difíceis da perseguição e da condenação à morte de tantos que aderiam à nova doutrina.

Neste sentido, convém fazer uma advertência: o estudo de Actos permite concluir que Act 2, 42-47; 4, 32-35 e 5, 12-16, não são textos para serem lidos e compreendidos fora dos seus contextos literário, social, político, cultural e religioso. Além disso, compreendem-se melhor se lidos em conjunto.

¹²³ Cfr. FERNANDO RIVAS REBAQUE, *La vida cotidiana de los primeros cristianos*, ed. Verbo Divino, Navarra 2011, 63.

A partir do estudo desenvolvido, foi possível verificar que o sujeito de Act 2, 42 encontra-se em 2, 41. Evidencia-se, deste modo, que aqueles «que eram assíduos» (Act 2, 42) e «os que aceitaram a sua palavra receberam o baptismo» (Act 2, 41) constituem o mesmo grupo. Deste modo, o leitor descobre as causas que esta relação evidencia, a saber: a necessidade de aceitar o anúncio (*kérygma*), com tudo o que isso implica em termos de ensino (*didaké*), para receber o baptismo e integrar a comunidade cristã. Com efeito, para Lucas, aceitar o *kérygma* é uma exigência que requer do ouvinte a capacidade de moldar a sua vida à *didaké*. E de tal modo que a fé professada e a fé vivida, enquanto experiência de relação humana, formam um todo coeso e coerente.

Aceitar a palavra era realmente uma acção que se concretizava no facto de cada membro da comunidade aceitar como verdadeiro e digno de fé o testemunho que os apóstolos davam acerca de Jesus Cristo, isto é, o *kérygma*. De resto, como já referimos, era necessário que todos os que quisessem receber o baptismo professassem a fé neste testemunho que os apóstolos davam acerca de Jesus Cristo.

A partir do texto foi, igualmente possível inferir que nem todos os que ouviram o testemunho dos apóstolos o aceitaram. Por esse motivo, apenas receberam o baptismo as «cerca de três mil pessoas» (Act 2, 42) que, aceitando o testemunho, se fidelizaram e passaram a integrar a vida da comunidade.

As narrativas nos Actos dos Apóstolos estão, portanto, articuladas de forma a dar a conhecer uma possível proposta de acção pastoral. Nesta perspectiva, a sequência dos textos não é meramente casual, surgindo antes numa ordem indicativa de que o processo de iniciação cristã começa com o *kérygma* e a *didaké*, que se repercutem na relação com a comunidade, por meio da comunhão fraterna (prática da caridade) e da participação na liturgia da comunidade¹²⁴.

¹²⁴ Cfr. RINALDO FABRIS, *op. cit.*, 76-77.

Além disso, através dos sumários, tomamos conhecimento de como a comunidade dos fiéis tinha tudo em comum: “todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum” (Act 2, 44). Efectivamente, o livro dos Actos apresenta uma comunidade idílica. Mais do que descrever como era a vida da comunidade, o autor, através das narrações, prescreve a forma como a comunidade deveria viver e fazer a experiência do evangelho por meio da comunhão.

Todavia, na comunidade, esta experiência não se ficava apenas pela comunhão dos bens materiais. Actos refere muitas vezes a comunhão espiritual entre os fiéis, sobretudo quando a comunidade sofria com a perseguição e a violência exercida pelos chefes do povo, que queriam, a todo o custo, impedir a expansão da fé emergente. Assim sendo, relativamente à forma como decorria a comunhão fraterna, é necessário ter em conta a já referida conjuntura sócio-política subjacente ao quotidiano destas comunidades.

Note-se que no campo social, o cristianismo marcou pela diferença, ao procurar integrar, mediante uma atitude inclusiva, todos aqueles que viviam situações de fragilidade humana¹²⁵. Não obstante, a comunidade cristã não só ajudava os necessitados cristãos, mas também outros em situação de carência. Os cristãos dispunham das suas casas para fomentarem a comunhão fraterna. Nelas, os pobres eram saciados das suas necessidades básicas. A acção social partia, portanto, de um gesto e compromisso pessoal para com os pobres, o que decorria normalmente num ambiente de maior proximidade, numa relação tu-a-tu.

Igualmente digna de nota na comunidade primitiva, a dimensão litúrgica incidia na fracção do pão e nas orações. A fracção do pão, um acto de culto que não podia ocorrer no templo, tinha lugar nas casas de família, normalmente as melhor dimensionadas para acolher todos os elementos da casa, os amigos, os criados e os escravos¹²⁶. Tornou-se evidente, no decorrer da presente investigação, que a fracção do pão corresponde à celebração da

¹²⁵ Cfr. FERNANDO RIVAS REBAQUE, *op. cit.*, 65.

¹²⁶ *Ibid.*, 31.

Eucaristia. Com efeito, desta reunião também fazia parte o ensino ou catequese, em que todos participavam, e as orações de acção de graças pelo alimento. Tenha-se presente que a ceia pascal de Jesus Cristo com os discípulos ocorreu no contexto cultural e sob as características próprias de uma ceia judaica. Deste modo, a fracção do pão que ocorria nas casas era também um encontro de comunhão fraterna. Finalmente, no que respeita às orações, os cristãos observavam-nas de igual forma quer tivessem lugar no templo, quer nas casas.

De igual forma, a relação existente entre a fé e a prática religiosa, assuntos não apenas de ordem pessoal, mas de ordem comunitária, tem especial expressão na narrativa do episódio do encontro com o coxo por parte dos apóstolos Pedro e João que se dirigiam para o Templo. Quando estes se encontravam junto à Porta Formosa, ocorre a cura do coxo de nascença. Na verdade, o Templo era, por um lado, o lugar de reunião da comunidade judaica para prestar o culto a Deus. De resto, sabemos que orações do judaísmo transitaram para o cristianismo, sendo a mais vulgar a da santificação das horas, por meio da oração salmódica.

O templo era também lugar de peregrinação¹²⁷. A ele acorriam todos os anos grande número de judeus para cumprir as prescrições legais, por altura da Páscoa, do Pentecostes e das Tendias. Estas designações elucidam-nos, antes de mais, sobre as principais festas dos cristãos, a que foi atribuído evidentemente um novo sinal, relacionado com a fé cristã, o que levou a outra compreensão da sua simbólica.

Saliente-se ainda que um dos aspectos que poderá ter favorecido uma maior aceitação dos apóstolos junto da comunidade foi certamente a coerência de vida. Esta estava profundamente marcada pelo *kérygma* e *didaké*, tornados realidade na caridade, celebrados na fracção do pão e, posteriormente, imbuídos na vida espiritual dos fiéis, por meio das orações. Por outro lado, tal como Jesus no seu tempo, os apóstolos viviam imersos na vida da comunidade: sabiam das suas aspirações e das suas dificuldades, não estavam, de todo, alheados do quotidiano das populações.

¹²⁷ Cfr. JOÃO DUARTE LOURENÇO, *op. cit.*, 46.

2. Caminho a percorrer

Tal como no início do cristianismo, no tempo presente, a Igreja é convocada a fazer um caminho de proximidade com todo o ser humano, independentemente dos seus factores culturais, religiosos, políticos, ou outros. Integrada na sociedade, cumpre a sua missão: perpetuar na história da humanidade a acção salvadora de Jesus Cristo.

A estrutura eclesial descrita nos Actos dos Apóstolos apresenta a comunidade primitiva de Jerusalém como o protótipo de uma comunidade cristã¹²⁸, assente sobre quatro características basilares do ensino dos apóstolos, da comunhão fraterna, da fracção do pão e das orações.

Tendo-as bem presentes, poderemos questionar-nos se elas se apresentam, no contexto actual da Igreja, de forma equilibrada, e até se as conhecemos o suficiente para que, na acção pastoral, elas assumam a função que lhes compete, ou seja, levar cada fiel a fazer uma descoberta de Deus e da comunidade, à semelhança do que acontecera aos primeiros cristãos.

2.1. Algumas propostas

Viver uma busca constante de Deus e passar a procurá-lo de todas as formas, a fim de estabelecer uma relação filial que se manifeste na fidelização à Igreja poderá ser, precisamente, o testemunho de que a Igreja carece na actualidade.

No decorrer deste estudo, aprofundamos os quatro temas fundadores da vida das primeiras comunidades presentes em Actos 2, 42-47, sobre os quais apresentamos, em seguida, alguns pontos de reflexão importantes para o tempo actual.

¹²⁸ Cfr. RINALDO FABRIS, *op. cit.*, 75.

2.1.1. Ensino dos Apóstolos

O acto de ensinar é a primeira acção que caracteriza a Igreja. Pedro, após o Pentecostes, ensina a todos os que testemunham o acontecimento, a sua origem e a sua relação com os acontecimentos anteriores com Cristo, assim como o enquadramento destes com as revelações contidas nas profecias.

Actualmente, terá a Igreja consciência daquela é a sua primeira acção junto das pessoas: anunciar o Evangelho, levando as mesmas a um conhecimento de Jesus Cristo, mediante o qual possam depois estabelecer com Ele uma relação de abertura e intimidade espiritual? Ou, alternativamente, baseada em princípios éticos comuns a todas as culturas, ocupar-se-á a Igreja com ensinar normas de boa conduta moral, tais como a verdade, a obediência, a humildade, a pobreza, a caridade, entre outros? Note-se que estes até podem fazer parte do ensino, mas o primeiro objectivo da Igreja não deveria ser dar a conhecer Jesus Cristo, ao invés de orientar para a manutenção de uma relação, no caso com Alguém que ainda não se conhece?

Historicamente, a leitura da Bíblia foi, durante séculos, dificultada aos fiéis. Hoje em dia, a Igreja procura despertar nos cristãos a necessidade e o interesse da sua leitura. Mas, ter-se-á preocupado em dar as chaves de leitura para que os fiéis possam compreender os textos sagrados, à semelhança do que acontece em Act 8, 26-40?

No livro dos Actos temos a indicação de que os crentes eram assíduos ao ensino dos apóstolos, quer antes quer depois do baptismo. Como se processa a preparação dos crentes nas nossas comunidades para o baptismo e para os outros sacramentos? Que formação existe depois da recepção destes, para que aqueles que se aproximam, permaneçam num caminho espiritual de maior relação com Deus e com a comunidade?

2.1.2. Comunhão fraterna

A comunhão fraterna surge em resultado do ensino dos apóstolos. É por meio do ensino que o crente é convidado a desenvolver uma vida de comunhão espiritual e que, posteriormente, se compromete com o próximo. Este compromisso implica ainda que o crente esteja atento aos sinais de dificuldade, que podem ser de várias ordens: o desemprego, a exploração laboral, a toxicodependência, a doença física e mental, a idade avançada, a orfandade, os filhos de pais separados, a viuvez, a reclusão, a guerra, a deslocação por crise humanitária, a migração, a solidão, a violência doméstica e sexual, o divórcio/separação, as situações de luto, os conflitos familiares ou de vizinhança, entre outros.

No tempo presente, a comunidade cristã é desafiada a estar atenta a este leque variado de fragilidades próprias da condição humana, as quais carecem do envolvimento da comunidade cristã para minorar o sofrimento delas resultante. De contrário, a falta de atenção àqueles que atravessam qualquer tipo de dificuldade, tornar-se causa de exclusão social e eclesial com consequências graves como o isolamento total, o descuido e a perda de vigilância sobre as necessidades vitais e até mesmo a própria morte, sem que a comunidade local se aperceba.

Reflectirão as respostas sociais aos pobres das nossas comunidades uma comunhão espiritual, com base no ensino, tal como se propõe nos Actos dos Apóstolos? Em alguns casos, a premência de resolução de situações de isolamento e dependência não favorecem o “desterro” dos mais frágeis, retirados do seu lugar de conforto onde estabeleceram relações de amizade e vizinhança? Que tipo de resposta têm as comunidades cristãs para aqueles que se encontram em processo de luto, devido a situações de “perdas” por morte de familiar, divórcio, toxicodependência, desemprego, deserção familiar? No contexto atual, estarão as comunidades cristãs conscientes de que a caridade abarca todas as dimensões e circunstâncias da realidade humana, social e espiritual?

2.1.3. Fracção do pão

A Bíblia não nos indica com rigor a frequência com que os cristãos se reuniam para celebrar a Eucaristia. Mas, Act 2, 46 narra as circunstâncias em que a celebração decorria: «partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração» (Act 2, 46). Estas características devem fazer parte integrante das nossas celebrações eucarísticas, nas quais os crentes celebram os mistérios principais da sua fé em Jesus Cristo.

Estarão os cristãos devidamente consciencializados dos mistérios que se celebram na Eucaristia? Terá existido uma preparação cuidada de todos os intervenientes para a celebração eucarística? Teremos já tomado consciência de que a celebração eucarística é o centro para onde deve convergir o ensino dos apóstolos e a comunhão fraterna, porque a vida espiritual se fortalece por meio da celebração da Eucaristia, que, por sua vez, nos fortalece e torna perseverantes na fé?

2.1.4. As orações

As orações podem ocorrer em diferentes espaços, consoante o tipo de oração e a dimensão do número de orantes. Seja no lugar de culto que é a Igreja, seja em casa ou noutra espaço, o verdadeiro cristão é convocado à oração comunitária e/ou pessoal. É por meio dela que lhe é possível estabelecer uma relação de proximidade com Deus. Nesse sentido, torna-se urgente que as comunidades descubram novamente a importância das orações na dinâmica da vida espiritual comunitária. Saberão os fiéis o que é a oração? Que tipo de relação cultivam com Deus quando oram? Que peso tem nas suas vidas a oração comunitária e a oração pessoal? Muitos cristãos já substituíram Deus por outros deuses para os quais canalizam todo o seu empenho e os seus interesses pessoais. Sem estes tempos de oração, facilmente a vida das comunidades entra em decadência. Este nexos é salientado por Lucas quando sublinha a assiduidade enquanto elemento característico que trespassa o texto de Act 2, 42-47.

Para finalizar, ontem como hoje a busca incessante de Deus traduz-se no coração do homem pelo desejo de apreender os conteúdos próprios da fé, de fazer experiência deles enquanto promotores de comunhão e partilha, em Igreja, nas relações interpessoais e na comunhão espiritual, mormente através da oração comunitária, na sua tripla dimensão: pela celebração da Eucaristia, pela celebração da Palavra e das Horas e pela oração pessoal.

BIBLIOGRAFIA

Dicionários / Bíblias / Gramáticas

AA.VV., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004.

AA.VV., *Vocabulaire Raisoné de L'Exégèse Biblique. Les Mots, Les Approches, Les Auteurs*, ed. Cerf, Paris.

Bíblia Sagrada, ed. Difusora Bíblica, Lisboa, 2012.

FREIRE, ANTÓNIO, *Gramática Grega*, ed. Livraria A. I.-Braga, Braga 1997.

GOMES, PAULO SÉRGIO – OLIVETTI ODAYR, *Novo Testamento Interlinear Analítico Grego-Português*, ed. Cultura Cristã, São Paulo 2008.

PEREIRA, ISIDRO, *Dicionário Grego - Português e Português – Grego*, ed. Livraria A. I. - Braga, Braga 1998.

REIS, CARLOS – LOPES, ANA CRISTINA M., *Dicionário de Narratologia*, ed. Almedina, Coimbra 2002.

Livros

AA.VV., *Hechos de los Apóstoles. La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*, ed. Ciudad Nueva, Madrid 2011.

AA. VV., *Uma leitura dos Actos dos Apóstolos*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 1996.

- AGUIRRE MONASTERIO, RAFAEL – RODRÍGUEZ CARMONA, ANTONIO, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles. Introducción al estudio de la Biblia*, ed. Verbo Divino, Estella 2012.
- AGUIRRE, RAFAEL, *La mesa compartida. Estudios del NT desde las ciencias sociales*, ed. Sal Terrae, Santander 1994.
- DUPONT, JACQUES, *Études sur les Actes des Apôtres*, ed. CERF, Paris, 1967.
- _____, *Teologia della Chiesa negli Atti degli Apostoli*, ed. Dehoniane, Bolonha 1984.
- FABRIS, RINALDO, *Os Atos dos Apóstolos*, ed. Loyola, São Paulo 1991.
- FERRARO, GIUSEPPE, *L'evangelizzazione nella chiesa primitiva*, ed. Piemme, Casale Monferrato, 1994.
- FITZMYER, JOSEPH A., *Los Hechos de los Apóstoles I. Traducción, introducción y comentario (1, 1-8, 40)*, ed. Sígueme, Salamanca 2003.
- GARCÍA, JOSÉ MIGUEL, *As origens históricas do Cristianismo*, ed. Tenacitas, Coimbra 2007.
- GOURGUES, MICHEL, *Missão e comunidade (Actos dos Apóstolos 1-12)*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 1991.
- LANGNER, CÓRDULA, *Evangelio de Lucas. Hechos de los Apóstoles*, ed. Verbo Divino, Navarra 2008.
- LOURENÇO, JOÃO DUARTE, *O mundo Judaico em que Jesus viveu. Cultura judaica e Novo Testamento*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2005.
- MARGUERAT, DANIEL, *Le Dieu des premiers chrétiens*, ed. Labor et Fides, Genève 2011.
- _____, *Les Actes des Apôtres (1-12). Commentaire du Nouveau Testament*, ed. Labor et Fides, Genève 2007.
- _____, *The first christian historian writing the 'Acts of the Apostles'*, ed. Cambridge University, Cambridge 2002.

MEEKS, WAYNE A., *El mundo moral de los primeros cristianos*, ed. Desclée Brouwer, Bilbao 1992.

_____, *Los primeiros cristianos urbanos. El mundo social del apóstol Pablo*, ed. Sígueme, Salamanca 2010.

RIVAS REBAQUE, FERNANDO, *Qué se sabe de... La vida cotidiana de los primeiros cristianos*, ed. Verbo Divino, Estella 2011.

SCHENKE, LUDGER, *La comunidade primitiva*, ed. Sígueme, Salamanca 1999.

SEGALLA, GIUSEPPE, *Panoramas del Nuevo Testamento*, ed. Verbo Divino, Estella 1989.

SOUSA CORREIA, JOÃO ALBERTO, *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2014.

VERMEYLEN, JACQUES, *Jérusalem centre du monde. Developpements et contestations d'une tradition biblique*, ed. Cerf, Paris 2007.

WIKENHAUSER, ALFRED, *Los Hechos de los Apóstoles*, ed. Herder, Barcelona 1973.

Artigos

AA. VV., «Atos dos Apóstolos», in *Revista de Cultura Bíblica*, XXV (2002), 49-111.

BADIOLA, JOSÉ ANTONIO, «La comunidade cristana primitiva: algunos trazos característicos», in *Lumen*, LIII (2004), 193-230.

BASLEZ, MARIE-FRANÇOISE, «La conversión al cristianismo en los tres primeros siglos» in *Scripta Theológica*, 42 (2010), 695-718.

CARRÓN, JULIÁN, «A Experiência Cristã nos Actos dos Apóstolos», in *Communio*, XIII (1996), 309-323.

CUESTA, JOSE M. CABALLERO, «La oracion en la Iglesia primitiva. Estudio sobre el libro de los Hechos de los Apóstoles», in *Burgense*, 38 (1997), 33-65.

- GARRIGUES, JEAN-MIGUEL, «Israel messiânico», in *Communio*, XII (1995), 212-221.
- MARTINS TERRA, João Evangelista, «Atos dos Apóstolos», in *Revista de Cultura Bíblica*, XXIV (2001), 19-45.
- MOITEIRO RAMOS, ANTÓNIO MANUEL, «Paulo e a formação de comunidades cristãs», in *Estudos Teológicos*, 14 (2010), 55-69.
- MUBNER, FRANZ, «Igreja e Judaísmo», in *Communio*, XII (1995), 197-211.
- NUNES, JOSÉ, «Falar de Deus hoje», in *Estudos Teológicos*, 2 (1998), 395-404.
- SALVADOR, J., «Atos dos Apóstolos», in *Revista de Cultura Bíblica*, XXIV (2001), 5-18.

ÍNDICE

SIGLAS	3
INTRODUÇÃO	5
I. OS CONTEXTOS DA COMUNIDADE PRIMITIVA	9
1. Contexto social	10
2. Contexto político	12
3. Contexto cultural	14
4. Contexto religioso	15
II. ACT 2, 42-47, UM TEXTO SITUADO	21
1. O texto Act 2, 42-47	21
2. Tradução	22
3. Um texto em relação	22
3.1. Um texto delimitado	23
3.1.1. <i>Contexto remoto</i>	23
3.1.2. <i>Contexto próximo</i>	24
3.2. Um texto entre outros	25
3.3. A especificidade de Act 2, 42-47	30
3.4. Aspectos gramaticais	32

III. OS GRANDES TEMAS DO TEXTO	35
1. Ensino dos Apóstolos (διδασχῆ τῶν ἀποστόλων)	36
2. Comunhão de bens (κοινωνία)	40
3. Fração do Pão (κλάσις τοῦ ἄρτου)	44
4. Orações (προσευχῆς)	47
CONCLUSÃO	53
1. Percurso efectuado	53
2. Caminhos a percorrer	58
2.1. Algumas propostas	58
2.1.1. <i>Ensino dos Apóstolos</i>	59
2.1.2. <i>Comunhão Fraterna</i>	60
2.1.3. <i>Fracção do pão</i>	61
2.1.4. <i>As Orações</i>	61
BIBLIOGRAFIA	63